

ZALINA ROLIM

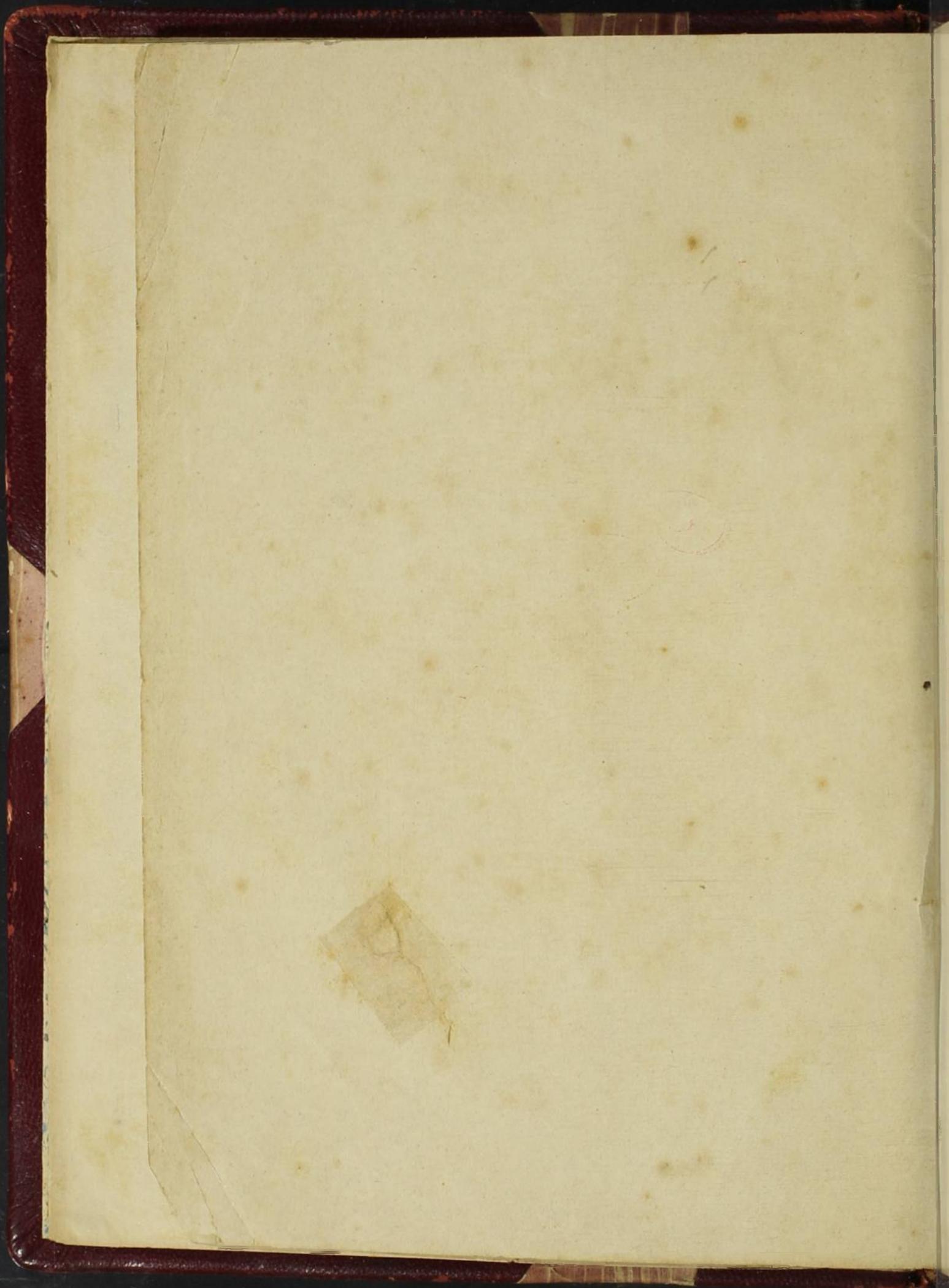


Caracóis

Poesias



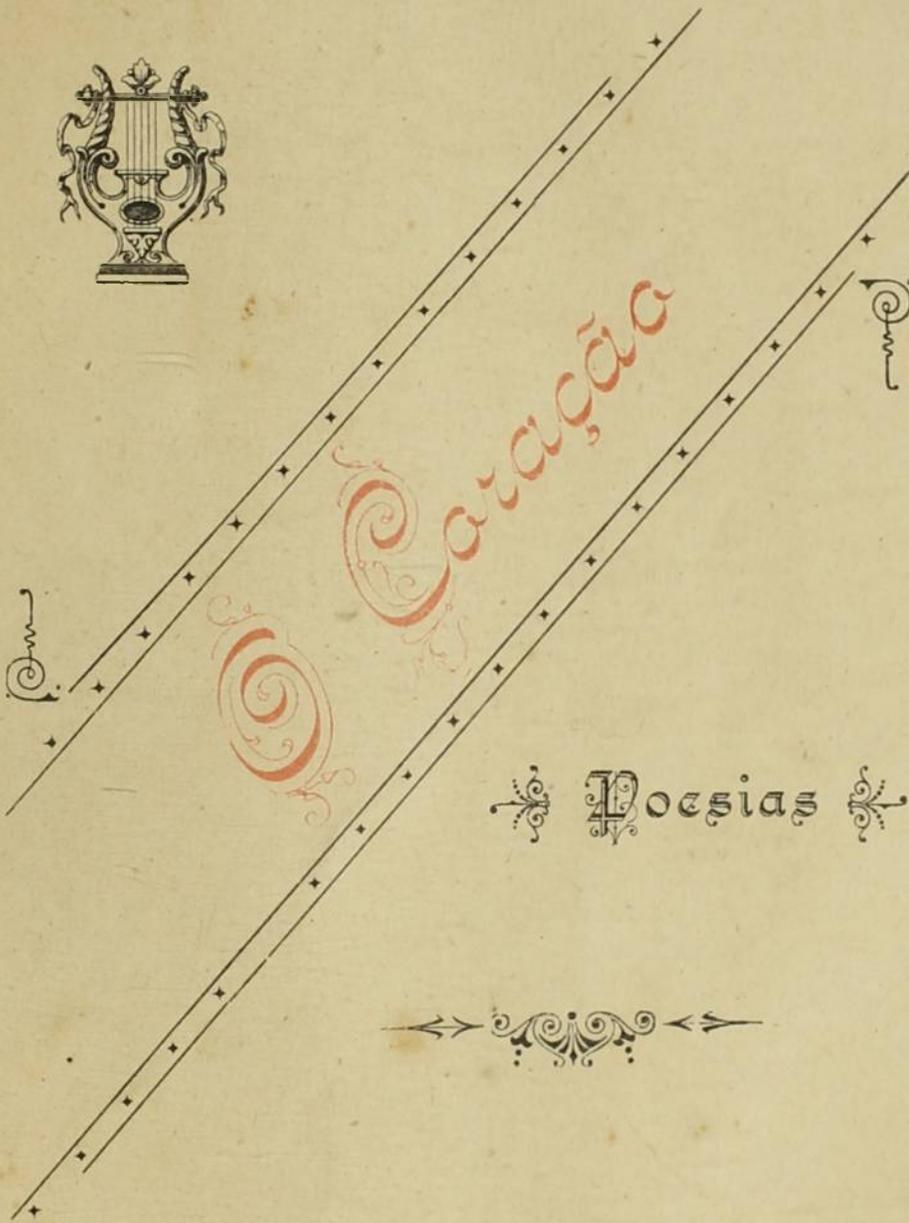
S. PAULO
Typ. de Hennies & Winiger
1893.





✽ ZALINA ROLIM ✽

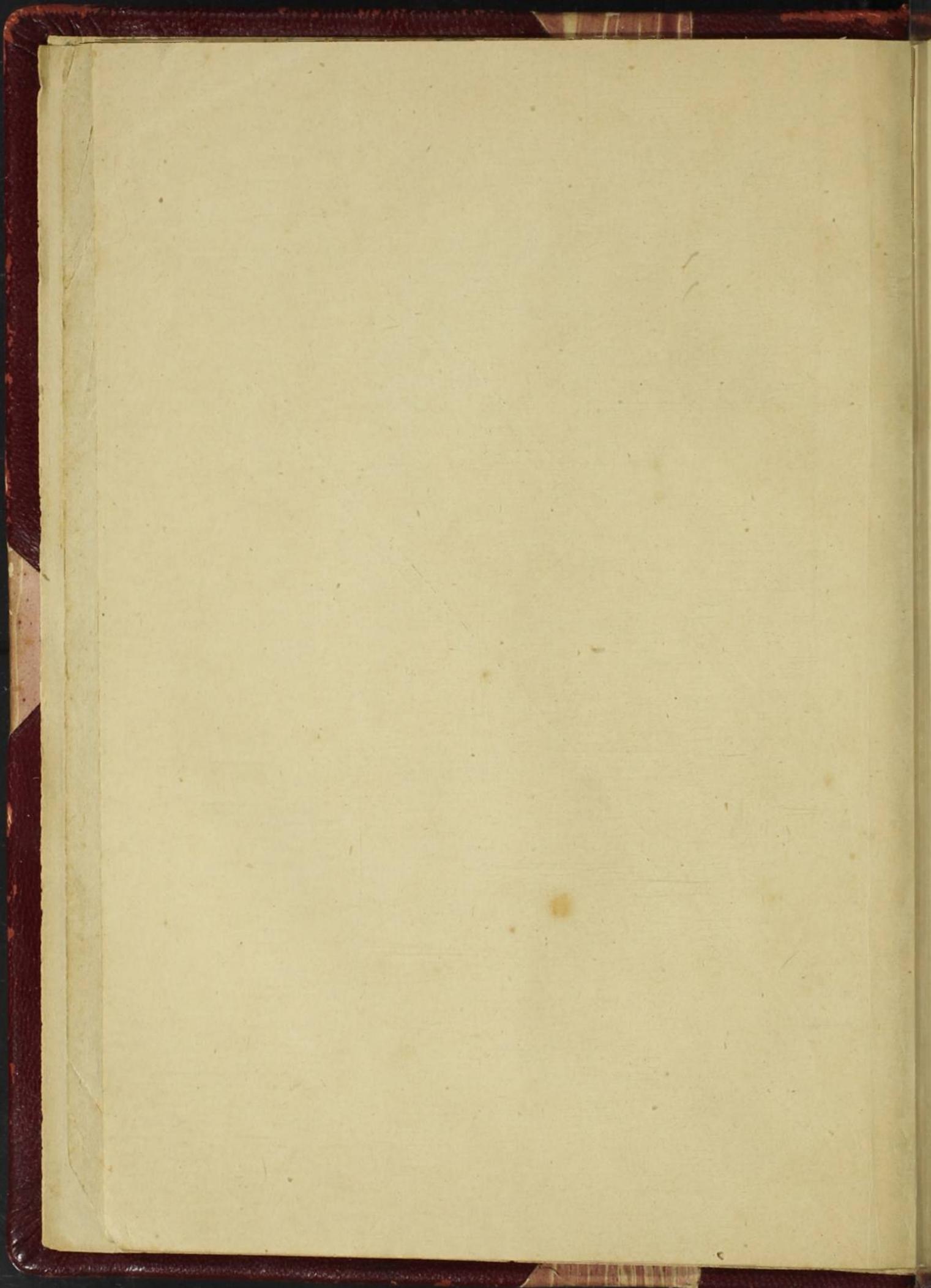
Zalina Rolim



S. PAULO

TYPOGRAPHIA DE HENNIES & WINIGER

1893

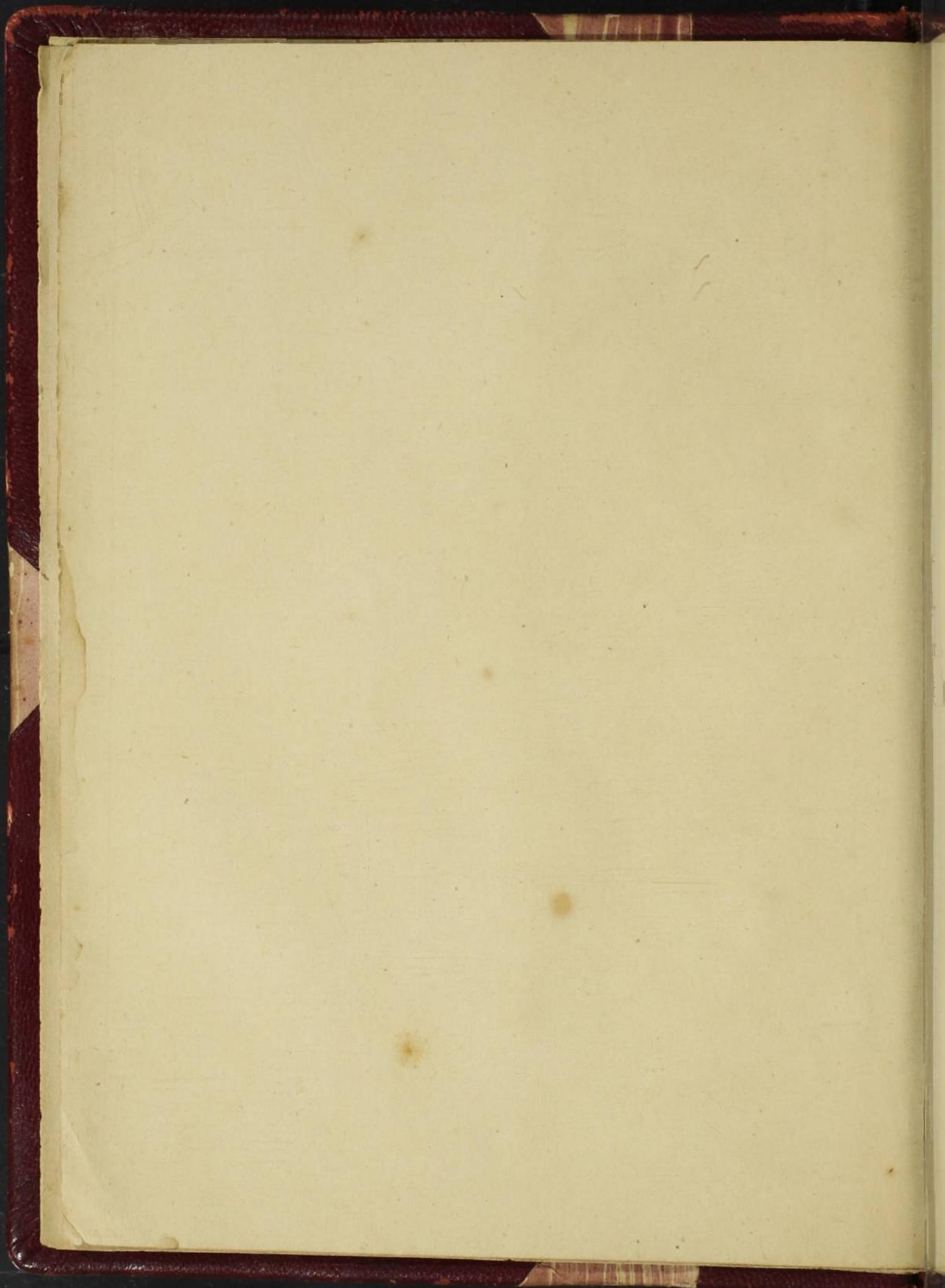


A Presciliana Duarte de Almeida
e Silvio de Almeida

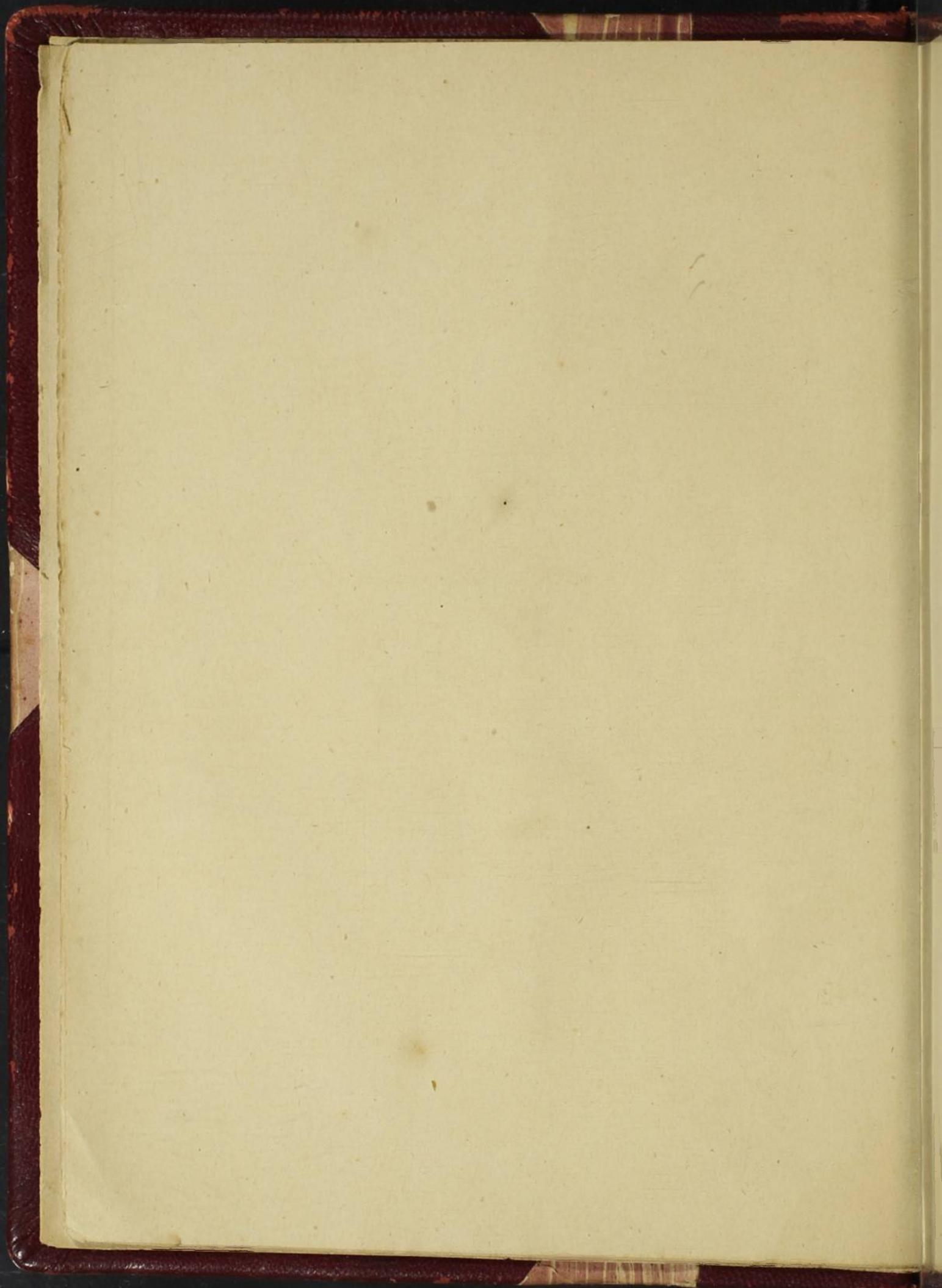
afetuosamente oferece

Lalina Molin.

S. Paulo, 30 = 12 = 93.



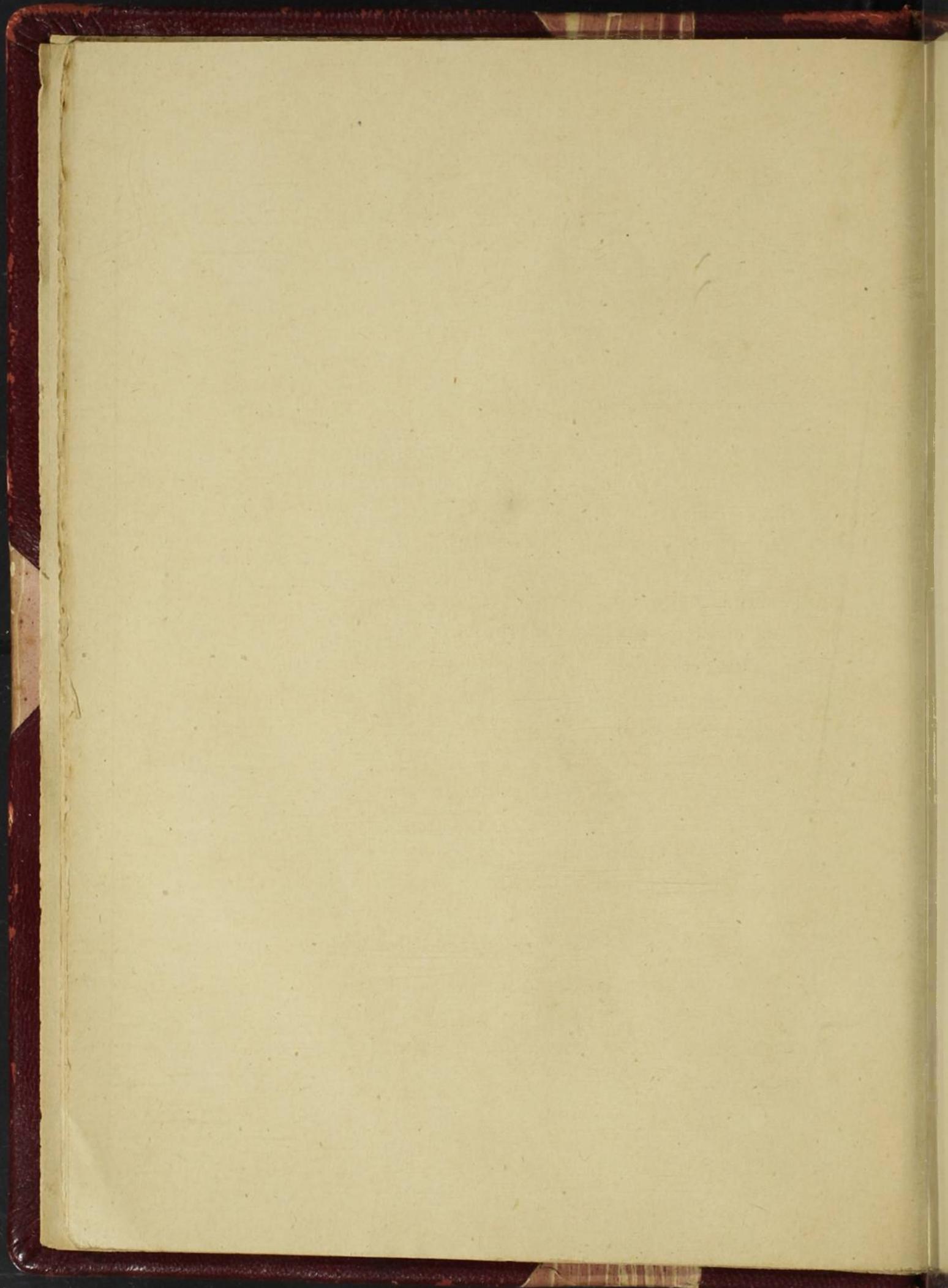
A meus paes



Ezequiel Freire, o meu saudoso amigo, o dulcíssimo cantor das “Flôres do Campo”, — prometteu-me duas palavras na primeira pagina deste livro. Negou-me o céu o cumprimento d’aquella promessa, — que era o seu desejo e a minha aspiração querida. Publicando a sua ultima carta no lugar que só para elle guardara, obedeco ás solicitações do meu affecto e da minha saudade.

As suavissimas expressões do poeta finado, são para o meu “*Coração*” a mais consoladora esperança.

ZALINA ROLIM.



Carta de Ezequiel Freire

Dona Zalina

Restituo-lhe os seus ultimos versos. Acompanha-os a minha affectuosa saudade e a gratidão pelo bem que V. Ex.^a se digna querer-me.

A minha saúde está de mais a mais arruinada: sinto-me muito sem vida; familiarisei-me muito com a idéa de morrer em breve; estou tranquillo e triste. Digo-lhe estas phrases para corresponder aos versos de Ratisbonne que V.^a Ex.^a citou em sua ultima e carinhosa carta. Não sou dos que desesperam, góso da vida as derradeiras alegrías que ella me dá:

« je vois la lumière »

« j'entends chanter les nids! »

— je ne me plains des ombres;

-- je loue Dieu de ses graces sans nombres...»

E uma das graças com que Deus me encanta a vida é consentir que eu seja querido em corações delicados. Delles vivo rodeado; n'outros vivo lembrado.

« ... je ne demande plus rien á Dieu :
— je le benis ! »

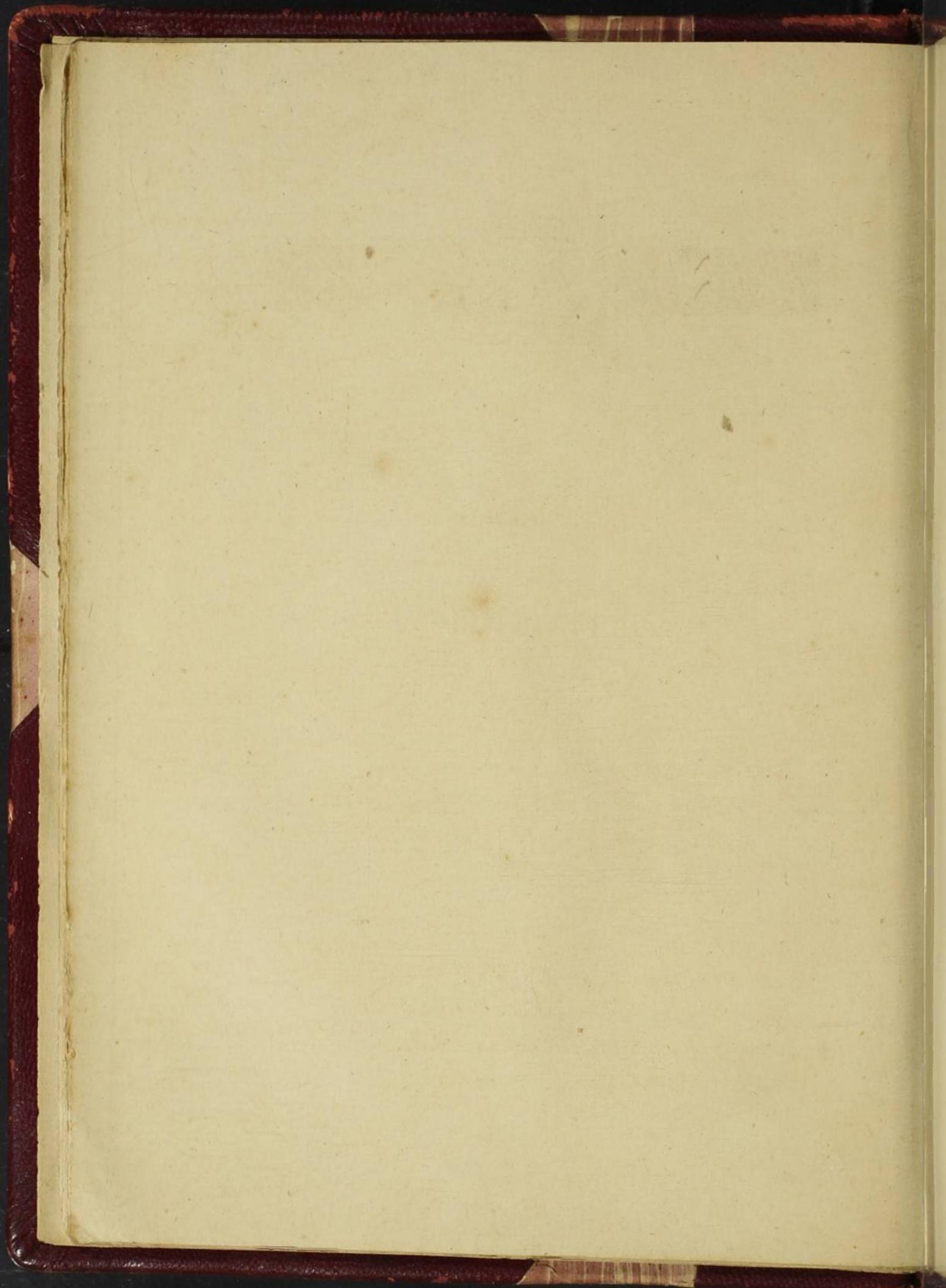
Os seus versos estão muito bonitos; applaudo-os sinceramente. Ha pequenas imperfeições, que eu (mas eu sou exigentissimo!) lhe indicaria, se estivessemos conversando; mas não prejudicam a belleza dominante nelles.

O seu livro ha de causar, auguro, uma delicada e risonha surpresa á nossa mocidade intelligente. Ha tanto tempo não vemos a Arte tão pudica, sincera e casta ! Se me permite um simile que traduza a minha ideia, direi que os seus versos parecem-me vestidos de mousselines caseiras, aromatisados com aquelles peculiares e suaves perfumes das gavetas dos moveis intimos: — folhas seccas de rosas e malvas e o doce effluvio da raiz do véti-vér.

Não deixe de mandar-me outros versos que fôr compondo; e quando tiver a unidade geral do livro, mande-m'os todos. Quem sabe se eu terei um dia em que o espirito possa afinar-se na tensão necessaria para dizer do seu « Coração » ?

Visito saudoso a sua bôa familia.

✻ Primeira parte ✻





Dedicatória

A meus Paes

Cantem poetas — gloriosas scenas,
Hymnos triumphaes, phantasticos rumores...
— No poema das aves e das flôres
Modularei as minhas cantilenas.

Indomaveis, freneticos ardores
— Incandescencia das paixões terrenas —
Cantem... — Eu cantarei intimas penas,
Affectos divinaes, puros amores.

Para que aspero acorde não desfira,
Afinarei os sons da minha lyra
No diapasão da vóz do passarinho;

E á profana impiedade hei de esconde-la,
Como a nuvem no céu esconde a estrella,
— Do vosso amor no immaculado arminho.



 minha muça

De todo o resplendor divino d'essa idade
Que vae tão longe agora, apenas da saudade
Vejo a brilhar distante a lampada serena,
Que luminosa fulge e rútila me acena,
Como a chamar-me ao tempo ingenuo e bom de outr'ora
Que foi do meu viver a scintillante aurora...
— Somente o teu fulgor celeste, bom, tranquillo,
Onde achava a minha alma um repouso, um asylo,
Doce, invisivel guia, angelica e piedosa,
Inda sinto a aclarar-me a estrada silenciosa.
Se entre as dobras que o tempo ha de abrir na cortina
Do meu céo remansoso, a gelada neblina

Da tristeza velar-me a limpida existencia,
Não me abandones nunca, e a rispida inclemencia
Das estações da vida arrostarei fagueira...

Vide a errata

{ Sê fiél a meu lado, ó santa companheira!

{ Que neutralisa o mal de incognito veneno.

— A ti somente aberto, ao teu olhar somente,

Meu coração entrego—ingenuo, puro e crente:

Guarda-o comtigo e ao mundo esconde-o, doce amiga,

Qual mãe no seio amante o filho aquece e abriga.



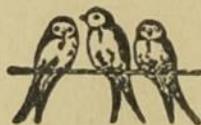
Immutavel

Eoram dizer-lhe um dia: — Elle te engana,
Aos teus affagos foge indifferente;
Zomba dos sonhos teus e a rir profana
Do teu affecto a ingenuidade crente.

Retira-lhe esse amor, que elle se ufana
De o ter escravo, desdenhosamente... —
—E ella, occultar tentando a angustia insana,
Uns laivos de amargor na vóz tremente: —

« Jurou-me outr'ora o seu amor infindo...
E o coração que desdenhado chora,
Confiadamente lhe entreguei sorrindo.

E hoje — que importa se de mim zombaes?..
— Pode feril-o e maltratal-o, embora,
Não buscarei rehavel-o nunca mais ».



Ave Mensageira

(A Candida Rolim)

Célia me disse: — Vôa, corta os ares,
Vae céu e terra e mares perscrutando ;
Se elle não vive, deixa-me chorando,
Se elle esqueceu-me, volta a estes lugares.

Valles, montanhas, infinitos mares
Fui percorrendo célere, voando . . .
Vejo-o afinal, vejo-o a sorrir, jurando
Amor sob o clarão de outros olhares.

E agora que farei? — Atroz dilemma!
Seguir-matar-lhe o sonho derradeiro,
Ficar-dizer-lhe : é morto. . . Oh! dôr suprema!

E a companheira tímida supplica : —
«Se ha de sabel-o perfido, traíçoeiro,
Choral-o morto é preferivel — fica.»



Goço pungente

Eu não sei si o detesto ou si o adoro,
Não sei si é isto amor ou si é loucura:
Junto delle eu não vejo a noite escura,
Si elle foge de mim definho e choro.

Quero afastar-me-e o seu olhar imploro,
Falar-lhe tento-e minha vóz murmura ;
Si elle, sorrindo, os olhos meus procura,
Inclino a fronte e estremecendo córo . . .

Como é pungente e dura esta incerteza !...
Mas a curar-me a dor desta agonia,
Que tem laivos de riso e de tristeza,

Quantas vezes, meu Deus, preferiria
Viver captiva, eternamente preza
Deste mal que me fére e acaricia!...



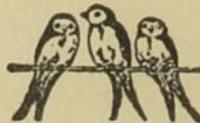
Íntimo

 Porque esconder ao mundo este infinito
Amor, que é o meu castigo e a minha graça?
Porque?... si este esplendor passa e trespasssa
Quanto para occultal-o em vão medito.

Si escuto o nome seu, febril me agito,
N'um céu minha alma tremula esvoaça,
E eu já não sei que mais invente ou faça
Para conter meu coração afflicto.

Não posso mais: eil-o desnudo e aberto,
Exposto a olhares perfidos, bem perto
Da mundanal, traidora correnteza ;

Mas, piedade, corações levianos,
Do meu amor em risos máus, profanos,
Não maculeis a divinal pureza...



Resposta do Coração

(A Izaura Rolim)

Como farei para avistal-o, amigo,
— Pergunto ao coração, — sendo elle ausente?
Em vão procuro e penso e me afadigo ;
Fala, responde ao meu anhelos ardente. —

E o coração, que os meus affectos sente,
— Meu doce premio e perennal castigo —
Na voz das pulsações — voz eloquente!
— « Queres sabel-o? escuta-me, eu t'o digo :

Longe das vozes perfidas do mundo
Tenho-o escondido, — cuidadoso avaro —
No seio meu recondito e profundo;

Eil-o... e que a turba vê-lo não consiga,
Que o meu thesouro precioso e raro
A extranhos olhos é vedado, amiga.»



Saudade

A Amargurante, dolorida, intensa,
Ao meu olhar velando a etherea alvura
Das alegrias santas, se condensa
E avassalar minha alma audaz procura ;

Lenta caminha nebulosa e densa,
No seio meu, intrépida e segura ;
E o abatimento da lethal doença
Faz-me abençoar o mal que me tortura.

Nem mais o animo resta-me, a energia
Para fugir a este martyrio lento
Que me envenena e os nervos me entibia ;

E, esmorecida, entrego-me aos rigores
Deste ineffavel goso que é um tormento :
— Dôr que em minha alma desabrocha em flôres...



Dizem

Dizem que a luz do seu olhar é fria
Como um prenuncio de luctuosas côres ;
Que importa?—se eu me aqueço em seus ardores,
E ao seu clarão invade-me a alegria !

Dizem tambem que em sua voz sombria
Sente-se o travo de amargura e dôres ;
Escutando-a, minha alma toda em flôres
Ouve extranha e saudosa melodia...

Que importa, digam todos que os espinhos
Da indiferença crescem no seu peito,
Si nelle os meus anhelos fazem ninhos?

E o meu olhar penetra-lhe a espessura,
Como os fulgores do luar-o leito
Da correnteza crystalina e pura.



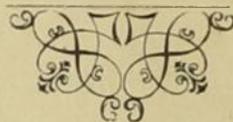
L'amour, au clair soleil d'été,
Avec l'alouette a chanté.
(L. de Lisle.)

Escuta, coração, urna do affecto,
Pulsa tranquillo, leve, leve, leve...
Quero falar-te, filho meu dilecto,
Bem como a mãe falar ao filho deve:

Ha tempos, coração, vejo-te inquieto ;
Quem, dize-me, a ferir-te audaz se atreve ?
Conta-me a historia desse mal secreto
Que o teu pulsar precipite descreve.

E elle, assustado e triste : — « Ai! companheira,
Vendo-me o seio placido e sereno,
Veiu nelle abrigar-se ave estrangeira;

Quero expulsal-a, e lhe entreteço o ninho...
Tem doçuras de mél e tem veneno,
— Garras de fêra e vóz de passarinho.



 Amor

« Da sua vida eu vivo... e a recompensa
Deste infinito amor minha alma gosa. »
— Mas, si elle te esquecesse? — Angustiosa,
Ella sorrio-se ante a cruél sentença: —

« Pensas então que a luz mysteriosa
Do seio meu apaga a indifferença! »
— E a sua voz tinha a inflexão radiosa
De uma tranquillã, inabalavel crença.

—Mas si tu o visses atraçoar-te um dia? —
Fitou-me inerte e pallida um momento,
Depois, por entre lagrimas sorria :

« Si ante essa vista eu resistir pudesse,
Tudo o que a sorte impunha-me em tormento
Pedira a Deus que em jubilos lhe dêsse. »



um coração delicado

... Heureux ce coeur ! aimer, c'est la moitié de croire.
(V. Hugo.)

 No jardinete perfumado e lindo
Da sua ingenua e lyrial candura,
 De um caricioso olhar á calentura
Nascera um dia aquelle amor infindo ;

E ^a na pequenina planta, descobrindo
Da alma innocente a mádida frescura,
Foi vicejando ao rocio da ternura
E o setinoso calice entre-abrindo...

Medrou, cresceu... E agora, em doce arfagem,
Da primavera os hálitos levantam
Do arbusto da alma a rórida folhagem;

E sob a olente cúpula de flores,
Canta o sorriso e as esperanças cantam
A cavatina eterna dos amores.



Aspirações

(A Clementina Rolim.)

Escuto ás vezes: — «Meu supremo goso,
A aspiração que a mente me inebria:
— Viver como rainha austera e fria,
Num castello mirifico, assombroso ;

Vêr a meus pés fanatico e invejoso
O mundo a contemplar-me noite e dia... »
— E de minha alma a voz, que alenta e guia,
Num segredar macio e caricioso :

— Viesse affagar-me um fulgido lampejo
Do celestial clarão que em sonhos vejo...
E o resplendor do mundo, inutil, vario,

Deixára, a rir, solícita e fagueira,
Para encerrar minha existencia inteira
De um coração no divinal sacrario.



Confissão

(A Narcisa Amalia)

«Sim... » — murmurou baixinho *entre-sorrindo*;
(Na branca face candida e *macia*
Uns laivos de carmim vinham surgindo...)
E ella a mão estendeu, tremula e fria.

Ia expirando lentamente o dia ...
Aqui, alli, além, — no azul infundo,
Para espreitar-lhe a ultima agonia,
Abriam-se as estrellas, refulgindo.

Elle a fitava quedo e silencioso ;
Depois tomou-lhe a mão branca e tremente,
— Pairava-lhe no olhar supremo goso !

E nessa mão — seu unico desejo —
Pousando os labios estampou fremente
Um longo e casto e sonoroço beijo...



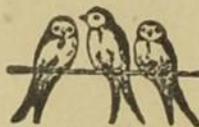
« Mon cœur a plus d'amour que vous n'avez d'oubli ! »
(V. Hugo)

Dizem-me : « Esquece-o; que infantil cegueira
Ao teu olhar apaixonado occulta
Essa perfidia, que abandona inteira
Tua existencia á dôr, victima inulta ?!

Elle esqueceu-te ; e alegre e forasteira,
Sob outros céos, livre, sua alma exulta ;
Deixa-o tambem no olvido . . . e a derradeira
Aspiração do teu amor — sepulta.”

E eu, que daria tudo nesse instante,
Para esquecel-o e odial-o, escuto, arfante,
Do coração falar-me a voz austera :

“ E's minha escrava, creatura inerme,
Luctas em vão ; não poderás vencer-me :
Para esquecel-o a minha morte espera.”



Olhando o céu

Manhã limpida e fria. Alegrementemente,
Por entre as grandes arvores coada,
Num largo feixe luminoso e quente,
Vara do sol a fina luz dourada ;

Palpitam azas, velludosamente,
Na maciez dos ninhos . . . Esgarçada
Pelo tremor da aragem, lentamente,
Sóbe do fumo a fita desdobrada.

Madrugadoras, leves andorinhas
No azul sereno, em tremulos adejos,
Passam traçando caprichosas linhas . . .

Ide com ellas, meus anhelos santos,
E ao coração, que é o céu dos meus desejos,
Meus sorrisos levae, levae meus prantos!



Monologo de um Coração

Eu sei que não me querem, — suspirando,
Queixoso e triste o coração murmura —
Sei que este effecto immenso é uma loucura;
Quero esmagal-o e vejo-o se avultando.

Quero fingir-me indifferente, e quando
Junto de mim o seu olhar fulgura,
Quasi suffoco na cruél tortura,
Calar as minhas pulsações tentando.

E eu sei que elle desdenha os meus olhares ;
Sei que se esquiva ao meu ardente aneio
Esse que é minha luz e meus pesares.

E, embora as proprias dôres alimente,
Emquanto a vida me aquecer o seio
Por esse affecto pulsarei contente.



Ritornello intimo

Eu vou falar de alguém que é minha gloria,
Desse que accende o meu clarão divino ;
Nem podem notas de estrangeiro hymno
Vibrar-me as cordas de ouro da memoria.

Ao seu sorriso musicas afino,
Traduzo em seu olhar lucida historia,
E vou cantando alegre a promissoria
Canção de amor que em sonhos imagino . . .

Sei bem que o mundo unânime a serena,
A invariavel nota dos meus cantos,
Desdenhoso e cruél fére e condemna ;

Sei bem tudo isso . . . e alegre e indifferente,
Ora em clave de riso, ora de prantos,
Meu amor cantarei eternamente.



Preterido

Vi-a envolvida em longo véu fluctuante,
Aos pés do altar se ajoelhar sorrindo;
Pairava-lhe o fulgor de um goso infindo
Na lyrial brancura do semblante.

E nó meu peito o espinho excruciante
De magoa atroz e immensa dôr sentindo,
Vi-a o—sim—murmurar, bella e triumphante,
Os coralinos labios entre-abrindo . . .

Passou-se o tempo . . . E a placidez e a calma,
Murcha a esperança, a aspiração perdida,
Vieram de novo acariciar minha alma.

Mas, como densa nevoa, eternamente,
Velou-me o riso e a luz da minha vida
Aquelle véu nevado e transparente . . .



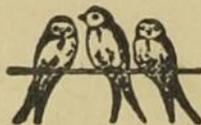
A uma alma doente

“**F**oi assim, murmurou amargamente,
Que o meu primeiro sonho vi desfeito. . .”
E uma tristeza vaga e commovente,
Veiu ensombrar-lhe o’ pensativo aspeito.

“ Amei-o ; e o seu olhar indifferente,
Frio, insensivel, de nevoeiros feito,
Verteu-me do desanimo inclemente
Todo o amargor dorido no meu peito.

“ Soffri, chorei . . . Depois, novos amores,
Suaves gorgeios, alvoradas, flôres,
Vieram luzir-me na aridez da vida.

“ Mas, quando olhares volto ao meu passado,
Sempre em minha alma o traço amargurado
Vejo se abrir—dessa illusão perdida.



Dolorosa

(A uma amiga infeliz)

Tem uns ares de santa ; e é tão franzina
Que a gente ao vê-la caminhar, surpresa,
A impalpavel, celeste natureza
De uma visão seraphica a imagina.

No olhar azul uns toques de tristeza ;
Nostalgia do céu ? ancia divina ?
Exterior reflexo de intestina
Angustia perennal no intimo accessa ?

Como sabel-o ? como ? . . . E cresce e avulta
Do incognito pesar, que a alma sepulta,
No rosto meigo a triste pallidez ;

E enquanto o mundo causas mil procura,
Fala-me a voz do seio, intima e pura ;
— E' o coração que soffre, amou talvez.



Amo! Amo! Amo! Amo!
Por toda a parte o proclamo...
(L. Guimarães).

Tanto se alarga e toma corpo e avulta
No seio meu esta affeição, que embora
Lucte e me esforce já ninguém ignora
E eu já não posso mais trazel-a occulta;

Canta em meus olhos, meu sorriso enflora;
Oraculo ideal que olha e consulta
Minha alma — dia a dia, e alegre exulta
Si elle sorri-se ou chora si elle chora.

Por este affecto a minha vida inteira ;
Nelle accendeu-se a minha luz primeira,
Nelle o meu céu, meus intimos altares !

Ria-se embora o mundo impiedoso :
Pelos fulgores do terreno goso
Eu não daria um só dos seus olhares . . .



Conselhos

Deixa-o que expire no teu seio ; apaga
Do livro de ouro onde tua alma escreve,
Esse nome, essa imagem ; e que a vaga
Do esquecimento em seu lugar se eleve.

“ Teu coração esconde ao sol que o affaga
Primeiramente e ha de queimal-o em breve ;
Para não vê-lo triturado, em chaga,
O meu guardo-o n’um circulo de neve . . . ”

E enquanto desdenhosa ella sorria,
Um fugitivo traço de ironia
A enrubescer-lhe a pallidez da face,

D'entre esse eterno circulo de gelo,
Para escalar-lhe os muros e rompê-lo
Seu pobre coração talvez chorasse.



Tela intima

Eu penso nelle como a gente pensa
Na quietação de um ninho solitario
Sob a frescura de folhagem densa.

— Misterioso, intimo sanctuario! —
De indiferença frivola attingil-o
Não pode extranho olhar profano e vario.

E assim como se entrasse n'um asylo
Inviolavel, puro, eterno e santo,
Vara-lhe o peito meu olhar tranquillo ;

Chega á sua alma e, em delicioso encanto,
Nesse ideal jardim de ethereas flôres
Pára extasiado, tremulo de espanto :

— Não rendilhados finos ou labores
Custosos, lambrequins de raro artista,
Marmores, télas, faustos, esplendores . . .

Nada que em futeis europeis consista ;
— Gala que o mundo crédulo apregôa,
Pompa inutil e vã, luxo da vista ;

Mas a fiel serenidade bôa,
A angelitude sã da natureza,
Onde a alegria em flôr desabotôa . . .

A placidez do céu que a alma surpreza,
Num afan jubiloso sonha abstracta,
Livre de angustias, livre de tristeza.

Relvosos campos, múrmura cascata,
Limpido céu eternamente manso,
Que o coração de luz enche e dilata ;

Reflexos louro-pallidos . . . remanso
De tardes boas, luminosas, claras ;
Da natureza mystica o descanso.

Leves rumores de pennugens raras ;
Tremulos cantos de avesinha ; adejos . . .
E a profundeza quieta das searas.

Do sol poente os ultimos lampejos,
Na superficie da agua lisa e pura,
Aureos semeam luminosos beijos ;

E no crystal do rio em vão procura
A perfidia espelhar-se, e a medo avança
Cúpida a inveja a contemplar-lhe a alvura ;

Em vão... tranquilla, sonora e mansa
A correnteza alastra-se ligeira,
Na pureza de um sonho de criança...

E a aspiração dulcíssima e fagueira,
— Chamma do céu que me acalenta e acalma —
E' ver traçada a minha vida inteira
Na diaphana brancura de sua alma.



Reminiscências

«  mei a vez primeira... Inda me agita
« Quando relembro esses remotos dias,
« Dessas ingenuas, puras alegrias,
« Uma saudade intermina, infinita...

« Sombras de morte, lividas e frias,
« Velaram-me essa luz meiga e bemdita ;
« E minba alma sorveu — misera afflicta !
« O amarissimo fél das agonias.

« Outros amores tive ; outros luas
« Vieram doirar-me o peito onde os pesares
« Hoje se aninham de um pungir secreto,

« Mas como um cirio bento, o almo sorriso
« Em sonhos inda a me alentar diviso
« -- Dessa que teve o meu primeiro affecto.



Confiante

“Jamais falou-me d’esse affecto e, emtanto:
No seu amor eu creio...” — ella me disse;
E uns tons de rosa á candida meiguice
Do rosto seu trouxeram mais encanto: —

— Creança que tu és! — e o seu espanto
Como a inquirir-me o coração sentisse: —
Si não t’o confesso u, é creancice
Nesses sonhos de amor confiares tanto.

Ella escuton-me silenciosa e calma ;
Depois, o olhar volvendo onde fulgia
A transparencia pura da sua alma : —

— Engano ; mais que em falas, mais que em tudo,
A alma repousa e o coração confia
N'um longo olhar serenamente mudo.



Noite

Noite calada e pavorosa e fria !..
Na escuridão mergulho os meus olhares :
— Nem um clarão na terra; e enchendo os ares
Uma tristeza intérmina e sombria.

No céu, que a treva lugubre sitia,
Pesadas nuvens correm, aos milhares ;
E, a custo, — tenue cirio em nús altares —
Uma estrellinha temerosa espia.

E olhando o escuro céu, luctuoso, immenso...
Num vago susto, intimamente penso :
— Quem ha que a este negror seu passo afoite?!

E, invisivel, murmura-me piedosa
A intima vóz, a vóz mysteriosa : —
— Ha corações onde é perpetua a noite.



Íntima luz

(A Maria Clara da Cunha Santos)

Nem sei como isto foi... Sonho? Magia?
— Doce clarão, suavíssimo lampejo,
Seren e bom como o materno beijo,
Meu coração veiu acordar um dia ;

Depois, nesse clarão veiu a alegria
— Seu luminoso, esplendido cortejo,
E hoje o divino raio bemfazejo
Toda a minha alma, fulgido, allumia.

Não acreditas? Olha-me de frente,
E o teu intimo olhar, profundamente,
Póde varar-me, — lúcido indiscreto!

Deixa-o que o seio meu abra e reviste;
Nem um recanto na minha alma existe
Que não aclare este entráhado affecto.



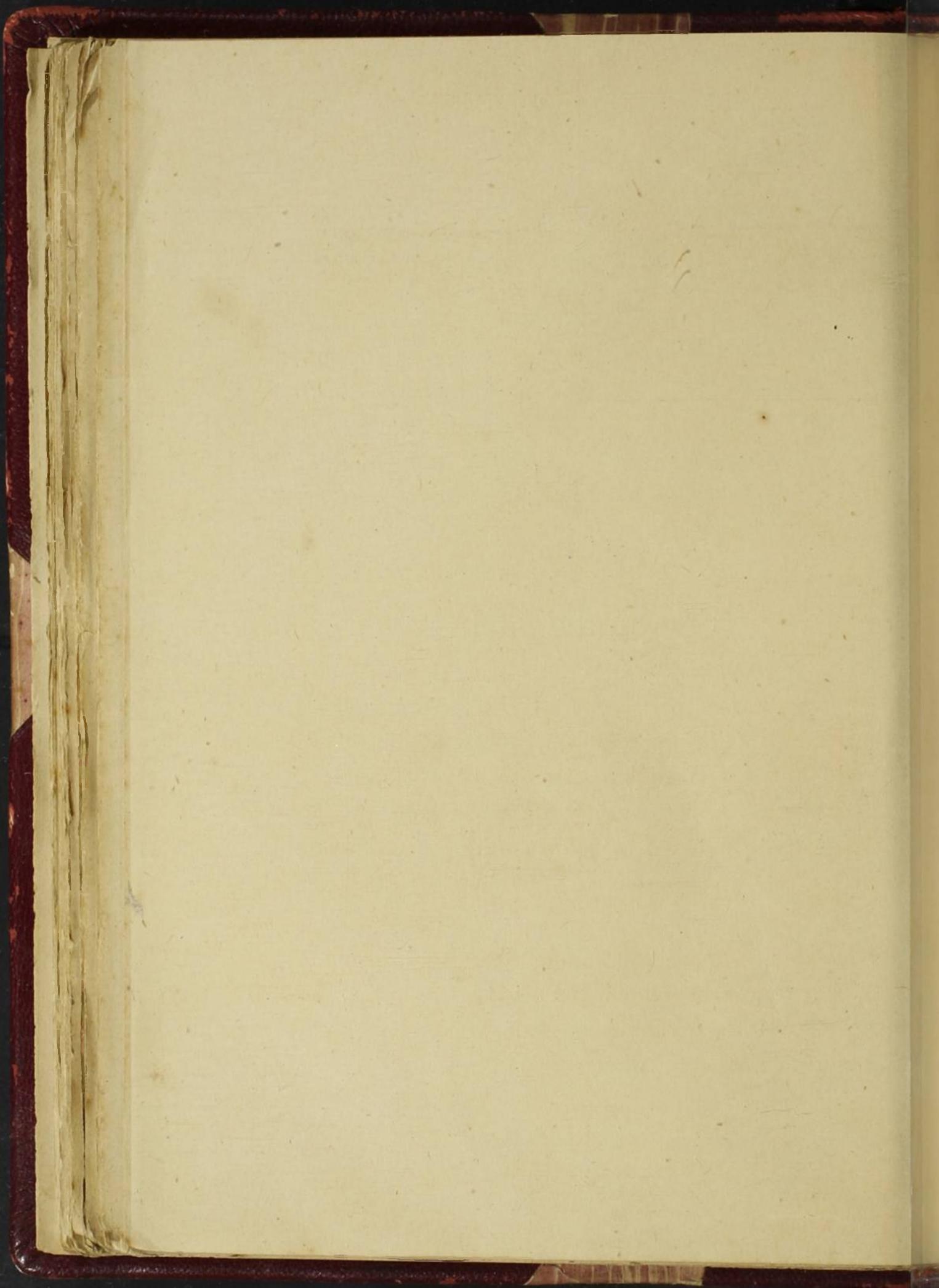
Um coração

Feil-o : — é pagina clara, ingenua, fina e branca,
— Tela fresca e macia, a qualquer tinta franca —
Ninguém tocou-lhe ainda e a virginal candura
Guarda intacta e fiél, conserva illesa e pura.
Aza leve, subtil, de extranho passarinho,
Jamais roçou-lhe o branco e velludoso arminho...
É tão fragil ao toque, ao fingir tão avesso
Que eu receio por elle e assustada estremeço,

Si a multidão profana acerca-se da terra
Onde elle vive e sonha e os sonhos seus encerra.
Si ao confiar-t'ó agora em lagrimas o inundo,
É que eu temo por elle os attrictos do mundo.
Tão ingenuo e leal !.. ai, que d'elle seria
N'esta incognita e longa e tristissima via ?!..
Guarda-o sempre amoroso, encerrado contigo ;
Sê-lhe mãe carinhosa e solícito amigo.
N'elle escreve o teu nome e tudo o mais que um dia
Deva esperar de ti... — Tristezas ? Alegria ?..
Para que assim tranquillo, obediente e certo
Possas sentil-o e vêl-o eternamente aberto ;
E nas horas de riso, e nas horas de pranto
— Reflector ideal, espelho ethereo e santo ! —
Conchegando-te ancioso ao ternissimo ninho,
Nelle sintas de novo o materno carinho...



⇒ Segunda parte ⇐





Bomba ferida

¶ **E**lla veio cahir tremula, exangue,
¶ Junto a um craveiro aberto em rubras flôres ;
Tinha entre as pennas humidas de sangue,
Das pétalas do cravo as rubras côres.

O moribundo olhar ennevoado,
Toda a tremer de inquietação, volvia
Para os beirões fronteiros do telhado,
Donde queixoso pipilar partia....

Batendo as azas, arquejante, anciado,
Rapido chega, exausto, allucinado,
O companheiro que o lamento ouvira :

Soergue E a pobre que a esperal-o á dôr resiste,
So ergue, ao vêl-o, a cabecinha triste
E as brancas azas agitando expira...



Esquis

Quarto de moça: abrindo-se ao levante
Uma janella emmoldurada em flôres,
Donde se avista o campo verdejante,
Que o sol nascente inunda de esplendores.

Completa ausencia de primores d'arte,
Raros adornos, moveis de recreio ;
Mas, esvoaçando aéreo, em toda a parte
O grato aroma salutar do aceio.

Ao centro o leito pequenino e leve
Sem ornamentos de maior valia;
Cortinas alvas de um candor de neve
Que a alma refresca e os olhos delicia.

Além a estante de madeira fina,
A mesinha de estudo, a pasta e as pennas
Que pacífica e tépida illumina
A claridade das manhãs serenas.

Rente á janella o toucador e ao lado
Sobre o tapete a cesta de costura;
Floccos, setins, tesouras de bordado,
N'uma engenhosa, artistica mistura.

E o sol entrando alegre e satisfeito
Pela janella, fulgido, alumia
O livro de orações junto do leito
E á cabeceira a imagem de Maria.



Crente

(A meu Pae)

Abro a janella : em purpura o levante
Desdobra um véu de luz rosada e fina ;
E dos verdores tenros da campina
Se evola o aroma fresco e penetrante.

Sóbe do valle a nuvem ondulante
Das alvacentas gazes da neblina ;
E além, pelos recortes da collina,
Espia o sol radioso e faiscante.

E contemplando a lei harmoniosa,
Que faz brotar a planta e abrir-se a rosa,
— Riam-se embora os novos pensadores: —

Eu vejo em tudo a mão justa e clemente
De um creador supremo e omnipotente
— Que fez a terra e o mar, a luz e as flôres !



Moilà la mère

(A minha Mãe)

Ella me disse: — Vae, querido filho...
— E os olhos tristes mergulhou nos meus —
« Sige do Bem o luminoso trilho;
« Nunca te afastes do dever, adeus !..

« Parti, contendo a minha dôr penosa ;
« E nunca mais um riso de ternura
« Vi despontar na vastidão escura
« Da minha noite fria e silenciosa.

« E si alquebrado e vacillante um dia,
« Medindo ao longe a tormentosa via,
« Paro indeciso e o meu soffrer maldigo,

« No santuario de luz do meu passado
« Vejo elevar-se o vulto illuminado
« De minha mãe que me contempla — e sigo.



Alvorada

 Manhã de primavera; que alegria!
Nuns esplendores rútilos de gala,
 Aureo e purpureo desabrocha o dia;
E a natureza canta e sonha e fala...

Nuvens de um branco adelgado e fino,
—Véos de ethereo noivado—lentamente
Impelle o fragil sopro matutino
Para as rúbidas bandas do oriente.

Longe, a perder de vista, amplo e rasgado,
De nova seiva túrgido, virente,
Ondula e treme o campinal, toucado
De flôres rubras de um perfume quente.

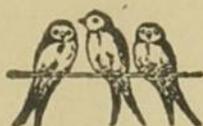
Leve tremúla e esgarça-se a neblina
Toda em farrapos, húmida e fluctuante ;
Intermittente, estrídula busina
Resôa ao longe, errática e vibrante.

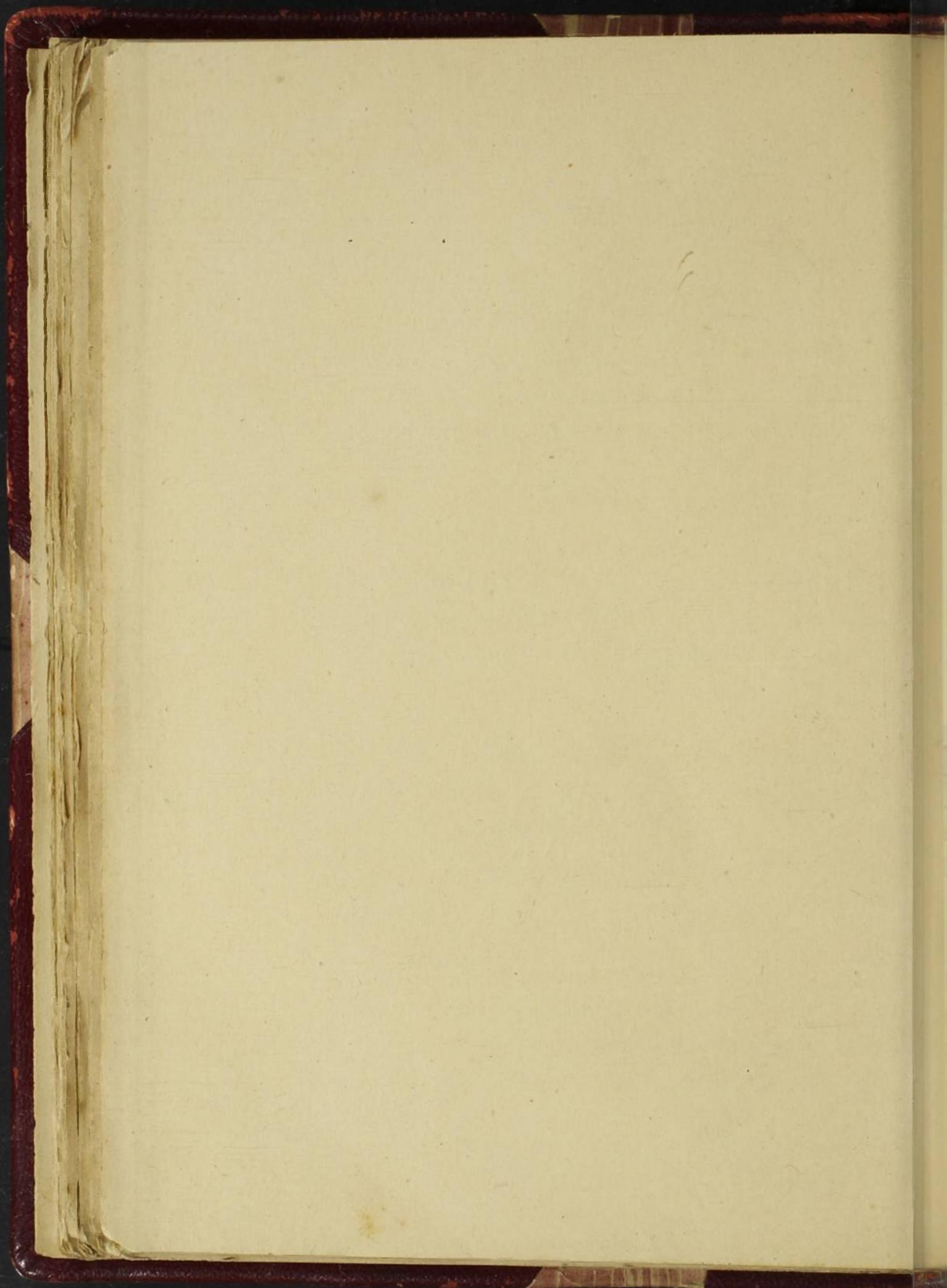
No pacifico espaço luminoso,
Extranhas curvas, mystericas linhas
Traçam, no vôo leve e caprichoso,
As caprichosas, leves andorinhas.

Eu grupos cá e lá, pesadamente,
Ruminam nedios bois malhados, brancos ;
Lambem, cerrando o morno olhar paciente,
Num abandono lasso, os proprios flancos.

Treme o relvado a um fremito ligeiro :
—E' o despertar do mundo-insecto . . . Agora
Desfaz-se todo e some-se o nevoeiro
A' luz que doura o campo e o céu colóra.

E ao costumeiro, habitual trabalho,
Cortando a estrada silenciosa e plana,
Segue um camponio pelo estreito atalho
Cantando, alegre, a jovial tyranna.





Diante de um berço

Oraculo do mundo vê-lo um dia—
✠ Medita o pae--vel-o glorioso e forte,
Das multidões extaticas o guia . . .
E arrostarei calmo e tranquillo a morte.—

E a mãe, no intimo da alma :—Que a alegria
Pura, ineffavel, santa, dê-lhe a sorte!
Para o meu anjo a esplendorosa via
E eu as agruras do viver suporte.

E a phantasia o tempo lhes figura
Em que esse anjinho, essa existencia pura
Num paraizo o ninho seu transforme . . .

E o pensamento d'elle e os sonhos d'ella
Pairam no berço onde, serena e bella,
Placidamente a criancinha dorme.



 O Presbyterio

Aquella casinha branca
Sem labores, sem moldura,
E' o presbyterio da aldeia
Onde mora o velho cura.

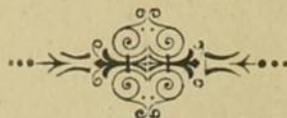
Pelas janellas sem vidros
Cresce rosea trepadeira ;
Na frente ha um banco de pedra
A' sombra de uma palmeira.

'Tem uma sebe de rosas
Tapando á vista exterior
Os canteiros onde medram,
Alguns craveiros em flôr.

Entre os verdores da horta
Pequenina e cultivada,
Um veio d'agua rebenta
Sob a relva avelludada.

A' tarde o bondoso velho,
Sob a palmeira, a scismar,
Contempla os brincos da infancia
Que salta a rir e a cantar . . .

E quanta vez a saudade
Pungente feril-o vem
Do tempo em que era criança
E assim brincava tambem . . .



Oh! l'amour d'une mère! . . .

(V. Hugo)

“Dizem-me:—A treva da consciencia impura
“ Vive em sua alma e ao desvario o incita—
“ E a voz do amor que dentro em mim palpita :
“ E' um desgraçado o filho teu,—murmura.

“ Dizem-me ainda :—A' caridade, á alvura
“ Do teu affecto o seu contactõ evita ;
“ Foge aos venenos d'essa voz maldita ;
“ Do isolamento inflige-lhe a tortura.—

E eu, que o remorso e as penas lhe adivinho,
Eu, que ao consolo bom do meu carinho
Tento alliviar-lhe o incognito desgosto,

Rezo e choro por elle, dia a dia ;
E a minha vida e a minha luz daria
Para enxugar-lhe as lagrimas do rosto.



Mora nostálgica

Alvorecera um dia luminoso,
De limpida e suave transparencia ;
—Tranquillo como um sonho venturoso,
Alegre como o riso da innocencia.

Do céu azul sereno e fulgurante,
Por sobre o verde cafezal extenso,
Cahia o sol, de um brilho deslumbrante,
Dourando a plantação, cálido, intenso . . .

Um velho escravo, tremulo e alquebrado,
A custo erguendo o baço olhar maguado,
Contempla ao longe a alcantilada serra ;

E os labios entre-abrindo, vagamente,
Murmura :—Quem me déra, ó Deus clemente !
Tornar a ver o céu da minha terra.



Ruínas

Entre espinheiros bravos se esborôa
O pequenino albergue abandonado ;
Jamais um passo humano ali resôa,
Dizem baixinho :—E' a casa do forçado ! . . .

Depois que elle finou-se, o desgraçado,
—Martyr do opprobio que ninguem perdôa—
Por entre as largas fendas do telhado
Querulo o vento solitario echôa,

No entanto, a voz do mundo despresando,
As avesitas gárrulas, em bando,
Sobre as ruínas construíram ninhos ;

E, como um riso alegre de criança,
A trepadeira rubra se balança
Entre a muralha verde dos espinhos.



Adormecida

(ao Dr. João Kopke)

Ella dormia sorridente e linda
Sob as cortinas do pequeno leito ;
O doce arfar do coração tranquillo
Serenamente lhe agitava o peito.

Soltas, esparsas como fitas de ouro
Sobre a almofada de um azul fanado,
As lindas tranças dos cabellos fulvos
Tinham reflexos de fulgor dourado.

Uma das mãos, graciosa e pequenina
Qual petala de lyrio, immaculada,
Surgia d'entre as roupas, descobrindo
O braço de uma alvura nacarada.

A dextra, cariciando o niveo rosto,
Pousava sobre a fronte setinosa ;
De leve, n'um sorriso delicioso,
Abria-se a boquinha perfumosa . . .

Sobre um nicho de marmore esculpido,
Circumdada de anjinhos, esplendente,
Da Virgem mãe a imagem protectora
Velava o calmo somno da innocente.



A carta do filho

Era do filho! . . . E a angustia palpitante
Que o seu rosto velara, de improviso
Desabrochou n'um mágico sorriso,
Tornou-lhe aurora a noite do semblante.

Era delle! . . . E nervosa e delirante,
Quasi a fugir-lhe o anhélito, o juízo,
Via esplendores, luz do paraíso
Na pequenina pagina alvejante.

Depois, num sonho extático embebida,
Via-o de novo pequenino e lindo
Entre os seus braços, a aclarar-lhe a vida . . .

E ante a visão divina o olhar choroso
Numa benção de luz se diluindo,
Tinha uns clarões beatíficos de goso.



A uma menina

Branca e mimosa, delicada e fina
— Flocco de neve e maciez de arminho —
Calix de flôr o lyrial corpinho,
Botão de rosa a bocca purpurina ;

No olhar a luz que o coração fascina,
Philtros na vóz — harmonioso ninho
Onde os passaros loiros do carinho,
Doidos gorgeiam música divina.

E' um sorriso do céu esta creança;
Emanação de essencia preciosa,
Lampejo azul de vívida esperança.

E eu sinto ao vê-la uns intimos desejos
De engrinaldar-lhe a cabecinha airosa
Numa capella rútila de beijos.



Ave Maria

*R*eza a velhinha . . . e junto d'ella o neto,
Trefego anjinho delicado, hesita
Em perturbar-lhe a reza tão bonita:
Ave Maria ! . . . e baixa o olhar discreto.

Paira das cousas no tranquillo aspecto
Uma tristeza placida, que excita
Os corações á reza . . . e ella medita :
Ave Maria ! . . . —toda crença e affecto.

Subtil essencia o campo enche e perfuma . . .
Vão-se no azul immáculo accendendo
As primeiras estrellas uma a uma . . .

E, em vibrações de funda nostalgia,
Vae pelos ares, tremulo, morrendo
O derradeiro som d' Ave Maria . . .



Gravura morta

Tranquilla e fria dorme a innocentinha
No pequenino esquite côr de rosa ;
Entre os aneis da coma aurea e sedosa,
O rostinho seraphico se aninha.

De rosas brancas, vivida e cheirosa,
— E em tudo o olhar materno se adivinha —
Uma corôa cerca-lhe a mimosa,
A delicada e loira cabecinha.

Paira a tristeza na pequena sala ;
E a luz dos quatro cirios mortuarios
Por entre as roupas tremula resvala.

E na visinha alcova o lenitivo
Do consolo, desfia os vãos rosarios
Ante o rumor de um choro convulsivo . . .



Na roça

Mejo-a de frente ; é uma casinha rustica,
Núa de ornatos, plena de alegria :
De um lado a porta, e a janellinha unica
Aberta ao claro resplendor do dia.

Por ella espia o meu olhar erratico . . .
Perlustra a sala e invade e descortina
Num pequenino quarto a alvura angelica
De um leito de criança pequenina.

Espia mais : um terreirinho placido,
Roupas lavadas ao calor expostas,
E ao longe o matto escuro, o valle, os pincares
E as escarpadas, flóridas encostas . . .

E após, cansado de vagar, nostálgico,
Corre em procura de outros plainos, vóa . . .
Mas invejoso guarda o sonho mystico
Dessa existencia socegada e bôa.



Vie enfantine et bienheureuse, tout entière dans l'amour
encore! ... Qui s'en souviendra sans regret?

(Michelet)

(A Magalhães de Azcredo)

E pequenino e lindo ; a inconsciente
Ledice da innocencia' alva e radiosa
Boia-lhe á flôr dó rosto, e a gente goza
De um bem estar do céu, tendo-o presente.

O dia inteiro brinca ; e, sorridente,
Papagueando gárrulo, a harmoniosa
Vóz de crystal — candida vóz preciosa —
Vibra em nossa alma sonorosamente.

E quando escuto e ameigo esta criança,
Do tempo em que eu tambem tinha essa idade
Vem visitar-me a fúlgida lembrança ;

E o relicario de ouro onde a alegria
Da minha infancia guardo, esta saudade
Cariciosa e bôa abre e alumia . . .



A sombra das arvores

Por entre os densos verdores
Destas arvores antigas,
Rescendem cheirosas flôres,
Soam tremulas cantigas.

Passaros saltam ligeiros,
Ariscos, leves, subtis ;
E o orvalho em finos chuveiros
Reluz no verde matiz.

No seio fofo dos ninhos
Pipilam vozes trementes,
Balbucio de passarinhos,
Gárrulos sons innocentes.

Grinaldas de trepadeiras,
Corollas de rubra côr,
Abrem-se lindas, faceiras,
Do dia ao brando calôr.

Tremem as cannas erectas
Do bambual verdejante ;
E das campinas quiétas
Sóbe um odôr penetrante.

Pacifico ribeirinho
No leve curso veloz
Corta e recorta o caminho
Vibrando a liquida vóz.

Pios, rumores d'insectos
Entre moitães escondidos . . .
Seccos attrictos de fetos,
Finos, leves estalidos . . .

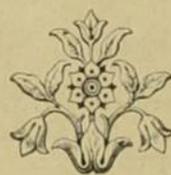
Nas espátulas cortantes
Do virente capinzal,
Em queixas dilacerantes
Soluça o vento hybernal.

A luz se espalha e fulgura
No azul immáculo e fino . . .
Vibra no espaço a doçura
De uns leves toques de sino.

O vento frio rasgando
As gazes da cerração
Leva girando, girando,
As folhas seccas do chão . . .

Floccos ligeiros, delgados,
Tremulamente nos ares
Se elevam desenrolados
Do fumo tenue dos lares.

É no relvado sedoso
— Amplo, virente lençol —
Brilha n'um véo luminoso
Toda a alegria do sól . . .



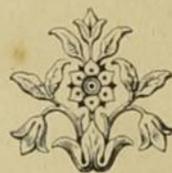
Candura

“Foi para o céu, nêê, teu irmãosinho ;”
—Disse-lhe a mãe—“E voltará ?”—Innocente !
“Jamais quem trilha o lucido caminho
“ Volta ou saudades deste mundo sente.

“ Roçou de leve o nosso lindo anjinho
“ Da via lactea a faixa alvinitente . . .
“ Nunca mais hei de vê-lo e o meu carinho
“ Para ti, meu amor, ficou somente.”

E a pequenita os labios côr de rosa,
Fitando a larga estrada luminosa,
Num riso ingenuo e candido entre-abriu ;

E, a cabecinha loira debruçando,
Adormeceu risonha contemplando
— O caminho de luz que elle seguio . . .



 O velho cão

 Era o terror da povoação ; cortante
Como acerado, rispido cutello,
O seu olhar gelava o caminhante,
Duro e feroz, extranhamente bello.

Ante o seu ar terrifico e possante,
O celestial, purissimo desvelo
Das mães, velava o pequenino infante
Como a voráz, mortifero flagello.

Veiu a velhice um dia ; e abandonado
Pelo ingrato senhor — o seu cuidado
Nos bons tempos de festas e folganças —

O miserando invalido e mesquinho,
Faminto ulula á beira do caminho
E, alegremente, batem-lhe as creanças.



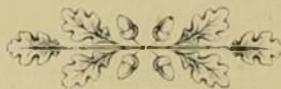
Mãe

De ao pobre velho tropego estendia
Loira criança a compassiva esmola,
Elle a tremer abria-lhe a saccola
E escondendo uma lagrima seguia ;

N'outro tempo o mesquinho, o mendicante
Tivera uma filhinha ingenua e pura ;
Tinha do lyrio a immaculada alvura
E a alegria da aurora no semblante.

Depois a filha, o anjo, a luz querida,
Sem ter da mãe a voz que o peito aquece,
Perdeo-se nos desvios desta vida;

E o triste, o miserando pae, em vão
Gemia amargamente :—Ah! si ella viesse
Teria, ó Deus, teria o meu perdão!



Rustica

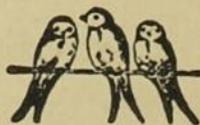
o fim da tarde. No vapor dourado
Que ouréla e franja as nuvens do occidente,
Todo se envolve o laranjal. Pesado
Chia um carro de bois, morosamente.

Subito, range a rustica porteira
N'um som rispido, escáncara, se abrindo ;
Voam no espaço nuvens de poeira
E o gado investe p'ra o curral, mugindo . . .

Crianças brincam lépidas, saltando,
Numa alegria trefega e radiosa ;
E num concerto mysterioso e brando
Sôa da noite a voz mysteriosa . . .

Fremito de azas tremulo e macio
Pelo arvoredos, vagos sons, rumores
De entre-chocadas folhas . . . e erradio,
Por toda a parte, o halito das flôres.

Em ranchos desce a gente da lavoura,
De enchada ao hombro, contornando a serra ;
E, languida, no céu, formosa e loura,
Venus o olhar pacifico descerra.



Ninho abandonado

s pequeninas azas, n'um medroso
Arfar de susto abrindo, além, distante
Foram pousar ; o ultimo adeus, vibrante,
Cantando ao velho ninho silencioso.

Era um gorgueio suave e melodioso :
Ora triste e dorido, ora radiante :
— Adeus de noiva que abandona amante
O lar onde fruiu da infancia o goso.

Depois foram-se . . . E á noite, de mansinho,
A claridade do luar nascente
Illuminando o abandonado ninho,

Tinha a tristeza e esmaecido brilho
Do olhar de mãe que, dolorosamente,
Contempla o berço onde morreu-lhe o filho.



Delincamento

(A Thereza Rodrigues).

Sahia a tarde vagorosamente . . .
Da escola, a saltitar alvoroçada
Num vozear alegre e turbulento,
Sahia a rir, a rir a meninada . . .

A' beira da azinhaga que contorna
A povoação agreste, o velho cura
Quedara-se um momento, contemplando
A limpidez do céu, tranquillã e pura.

Ao seu encontro os pequenitos chegam
— Restias de sól ante a friez da neve —
E as mãos do velho, tremulas, rugosas,
Roçam n'um beijo caricioso e leve.

Vendo-as, ergueu-se lentamente o padre,
A encanecida fronte descobrindo,
Cruzou as mãos sobre as cabeças loiras
E as criancinhas abençoou sorrindo . . .



Mensageiro d'alma

(A' memoria de Ezequiel Freire).

scuta-me, saudade,— flôr sonora,
Perfume vivo, meigo passarinho —
Vaes elevar-te á habitação da aurora,
Vaes percorrer o lucido caminho ;

Rasga das nuvens o floccoso arminho
E vae, saudade, pelo espaço fóra . . .
Leva nas azas todo o meu carinho
E leva o pranto que minha alma chora.

Vae, luminoso sentimento alado,
Passaro da alma, extranho forasteiro,
Percorre o infindo páramo estrellado . . .

Vôa, ultrapassa a rapidez da setta ;
E pára alfim, divino mensageiro,
No coração amante do poéta.



Irmã suavíssima

—
Vestiram-na de negro e o talhe esbelto e fino
No habito escondeu-se . . . Um raio matutino
De alegre e rubro sól, na sala penetrando
Cinge-a leve, subtil, caricioso e brando.
Desatam-lhe depois a farta e longa trança
Dos cabellos gentis ; e a esplendida pujança
Da coma virginal — manto regio e dourado —
Veste-a de ouro e de luz . . . E o rosto descorado
Da noviça ideal, seraphico, innocente,
Sonha o goso do céu, vóz dos anjos presente.
Que mysticas visões enlevam-n^a e constricta
Impellem-n'a a sonhar na ventura infinita

Que inspira a crença e a fé? Nesse eternal descanso
Onde o rio da vida é crystalino e manso? . . .
E a tesoura impiedosa, em aspero ruido,
Invejosa e cruel, do rutilo vestido
Despoja-a n'um momento . . . Além, pela janella
Entra a harmonia alegre, inspiradora e bella,
Da fresca matinal; gorgeiam passarinhos:
E o cantico amoroso—a alma eolia dos ninhos—
Enche tudo de encanto e piedade e ternura,
Fala á virgem do céu, de uma affeição mais pura. . .
Prendem-lhe á fronte o véu, o negro véu de freira:
Que saudade, meu Deus, da flor de lorangeira,
E do vestido branco, alem cahido e triste
Como imagem fiel de quem já não existe! . . .
Ella, pallida e fria, ao fital-o estremece . . .
E o manso olhar azul—mansa e azulada prece—
Das roupas virginaes — humido, bom, sereno —
Vae tranquillo pousar aos pés do Nazareno.



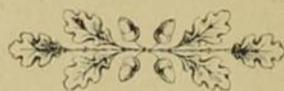
Magnolia

 Margas pétalas concavas, brancura
De rosto ou de marfim, lacteo e formoso ;
 Alva a corolla, alvissima a textura
Do seio — urna de aroma capitoso.

Nem candida mulher, perfeita e pura,
— Sonho de fino artista, sonho e goso —
A comparar seu collo se aventura
Da flôr ao niveo collo setinoso.

No entanto da magnolia altiva e regia,
Linda, que o sól, o proprio sol protege-a
N'uns longos véos de luz pallida e mansa,

A profanar-lhe a alvura estranha e rara,
Leve contacto angelico bastara
Das pequeninas mãos de uma creança.



Invalido

...  o velho proseguiu: — (Perto a fogueira
De galhos seccos crepitava, a espaço
Dando-lhe á face rubros tons)— «Meu braço
Era da patria, entrei para a fileira.

A principio doía-me ligeira
Saudade do meu lar, do ultimo abraço
Da minha amada . . . Um rispido estilhaço,
Da metralha curou-me a frioleira.

Depois, annos depois, findou-se a guerra
E invalido voltei; na minha terra . . .
Cala-te, coração, quantas mudanças! . . .

Hoje, bem vedes, para nada presto,
E em meu retiro de soldado honesto,
Conto historias do exercito ás creanças.»



Mãe

(A Ezequiel Freire).

Quando morreu-lhe o filho — a graça o alento
Da sua vida, o seu immenso amor,
E ella vio-o afastar-se lento e lento
Num pequenino esquite todo em flôr,

O coração quedou-se-lhe gelado,
(Se o não fundiu a dôr). Depois, sombrio
O olhar volvendo ao peito desolado,
— Do coração era o lugar vasio!

Desde esse tempo vaga do passado
Pelas reminiscencias, procurando
O seu mimoso filho idoltrado : —

«Não n'ó vistes ? — pergunta soluçando, —
«Num pequenino esquite carregado,
«E' um coração de mãe nas mãos levando ? ! . . .



Et pensif, j'écoutais ces harpes de l'éther,
Perdu dans cette voix comme dans une mer.
Victor Hugo.

Contemplo o céu; nas amplidões serenas
Cresce o luar e todo o espaço alaga
Numa enchente de luz . . . De fraga em fraga
Modula o vento flebeis cantilenas.

A casuarina entorna as suas penas
No coração da noite, em voz presaga;
Alveja o campo em flor . . . No bosque apenas,
A claridade espia incerta e vaga.

Mysteriosa e grave preludia
Dos insectos noctivagos, na calma
Do céo, da terra, a estranha symphonia . . .

E um mysticismo doce, uma tristeza
Contemplativa e bôa, abre minha alma
A' silenciosa paz da Natureza.



Mater admirabilis

(A Candura Rolim)

 mãe, franzina e debil creatura
Que opprime e fére ignoto soffrimento :
— Na vóz da angustia o dolorido accento,
— No olhar o espelho vivo da ternura ;

A pequenita—alma innocente e pura,
Do maternal viver unico alento ;
— Flôr perfumando o calix do tormento,
— Luz que o amargor das lagrimas depura.

Sorrisse a filha e a mãe n'essa alegria,
Como num veio limpido, a anciosa
Magôa infindavel, intima — lenia ;

Mas se a materna dôr adivinhando
Chorava a criancinha, angustiosa
A mãe sorria o pranto suffocando.



© velho cemiterio

E no extremo da villa ; e a gente credula
Cuida escutar á noite, arfando, em susto,
Umas vozes queixosas, vozes lugubres
No cemiterio placido e vetusto.

No abandono deixado, as plantas rusticas
Enfeitam-lhe o gradil de alegres flôres.
— Veste-o de crepe o livido crepusculo
E a madrugada veste-o de esplendores.

Nas casuarinas tristes, melancolicas,
Que o vento açouta impiedosamente,
Passaros cantam construindo garrulos
O ninho fofo perfumado e quente.

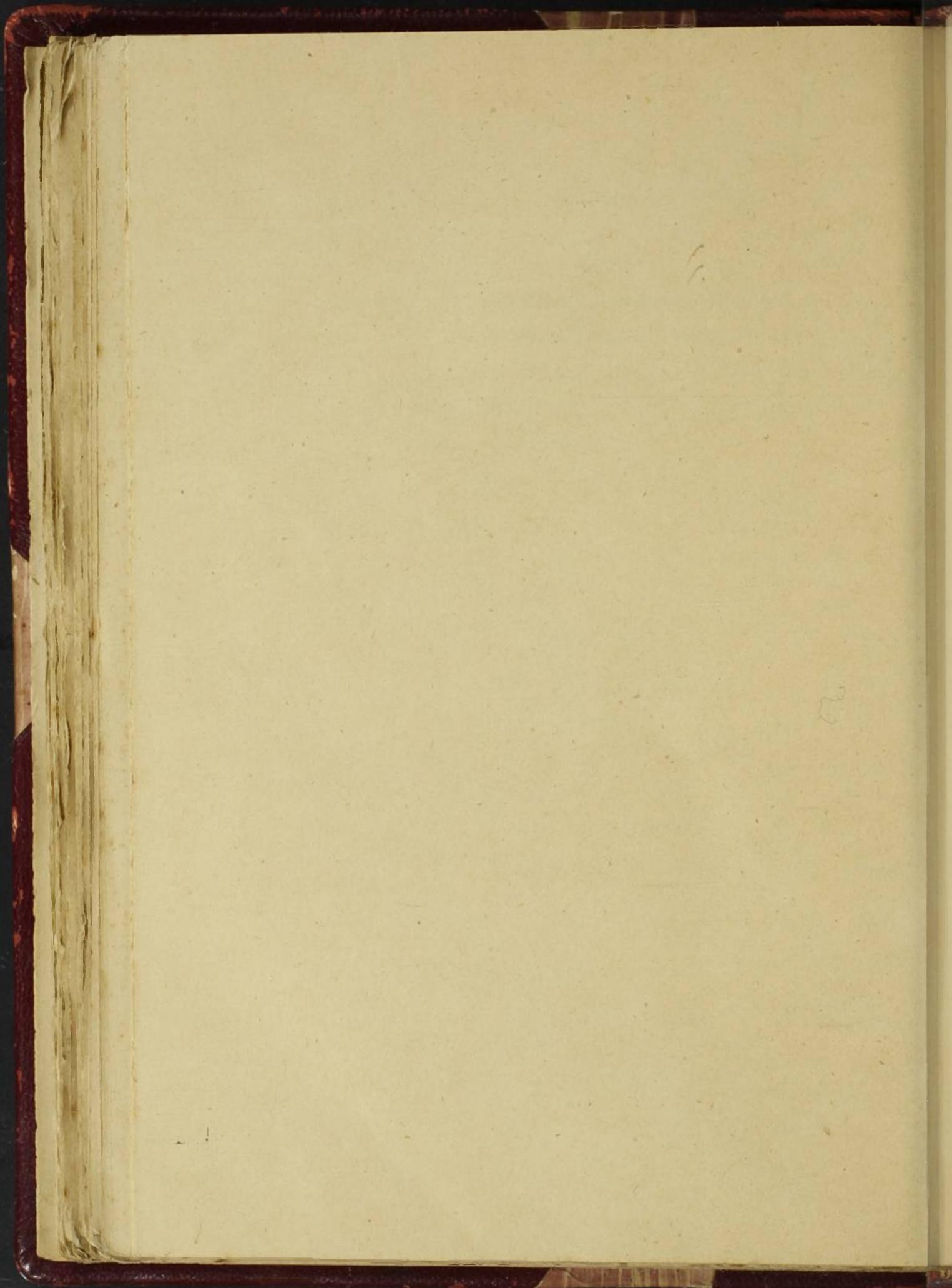
Corôas pendem murchas sobre os tumulos
Que a trepadeira invade e o musgo alfombra ;
Saltam ligeiros d'entre as plantas humidas
Os lagartos e rãs, filhos da sombra.

Quasi apagados nomes, traços pallidos,
Datas remotas de esquecidas eras
Entre o roixo dos lyrios aromaticos
E a côr alegre e sã das primaveras.

Invisiveis, pairando sobre as lapidas
A innocencia e a velhice — o riso e o pranto —
Da saudade modulam, vago e tremulo,
O mesmo ethereo e mysterioso canto.

E num concerto singular, phantastico,
— Estranhos sons de risos e lamentos —
Crianças cantam — no cantar dos passaros
E choram velhos — no chorar dos ventos . . .





Suprema dôr

Mudez pungente, quietação sombria
Na luctuosa alcova! . . . agonisante
A creançinha em convulsões gemia;
— Livido e frio o angelical semblante.

Aos pés do leito, em lagrimas, — o dia,
A luz, a flôr, a estrella rutilante
Do seu viver, a mãe finar-se via,
Allucinada, tremula, arquejante . . .

E o pae — o luctador forte, invencivel—
Ante os limites do poder terrestre
Curvava-se vencido; era terrivel!

Que lhe importava o applauso reverente
Do mundo, se elle — o grande, o sabio, o mestre —
Para salvar a filha era impotente?!



Campestre

Longe da estrada, á beira do riacho,
† Que molha os pés relvosos da collina,
Vejo-lhe o tecto ennegrecido e baixo
E a cancellinha baixa e pequenina ;

Da chaminé destaca-se um pennacho
De fumo branco . . . Levemente inclina
As verdes palmas sobre o loiro cacho
Do coqueiro frondoso, -- a arajem fina,

Faisca o sól. Do terreirinho á frente
Gallinhas, patos, debicando o milho,
Batem as azas preguiçosamente.

Nem um rumor de passaros palpita.
E a roceirinha adormecendo o filho
Canta lá dentro uma canção bonita . . .



Razas

(A minhas duas avós).

”**P**orque moves teus labios, avósinha,
«Num segredar recondito e piedoso?
«Porque te afastas, a scismar, sosinha
«Sob este céu tranquillo e silencioso?»

— E, enternecida, a tremula velhinha
Pousando na creança o olhar bondoso,
— Luz que do eterno occaso se avisinha,
Na voz um som beatifico e saudoso :

«Rogo ao céu por teus paes, filha querida,
«Rezo por ti, meu anjo, que a innocencia
«Longe contem dos pantanos da vida ;

«Supplico a Decs, por esta luz que brilha,
«Que os attrictos e as fraguas da existencia
«Jamais teu riso empallideçam, filha . . . »



Historias a sinhô

I.

 caminho do céu

 em cá, sinhô, ouve-me attento agora ;
Vou falar-te do céu, meu doce anginho,
Do céu azul onde a innocencia mora.

Olha-me assim, alma de luz e arminho,
Essencia divina!, raio indeciso
De evangelico e lucido carinho ;

Olha-me assim, amor, e o paraíso
— Ao teu olhar aberto — irei pintando
Sob o clarão azul do teu sorriso : —



E' o caminho do céu macio e brando,
Sem asperezas de rochosas fraguas,
Por elle a gente vai sempre cantando ;

Enfeitam-no vergeis, limpidas aguas,
Perfume salutar de matto agreste,
Atmosphera subtil, limpa de maguas ;

Risadas joviaes, côro celeste,
Hymnos de gloria, musicos harpejos
E a côr alegre que os jardins reveste ;

Scintillações de fulgidos lampejos,
Cantos alegres, garrulices de aves,
Harmoniosa musica de beijos . . .

Sòam gentis por entre as notas graves
Da vóz dos velhos, limpidos trinados,
Gorgeios infantis meigos, suaves . . .

E nos longínquos montes afastados
Brilham clarões de sol, louras cortinas,
Véos diaphanos, tremulos, dourados.

E a alma escutando as musicas divinas,
A alegria do céu ávida sente
Ao percorrer as céulas campinas.

Um bem estar pacífico, ascendente,
Vai-nos ganhando o corpo inteiro ; e a aurora
Do paraíso o nosso olhar presente.

Toda a nossa alma um raio doce enflora
Quando se avista a célica morada,
Onde vive a sorrir Nossa Senhora.

— Crystal e ouro — a luminosa estrada
Numa fita de luz nitida corta
A campina do céu, ampla e rasgada . . .

Abre-se além a desejada porta ;
E a gente os olhos deslumbrados cerra
Ante o clarão que a vista não supporta :

— Deslumbramentos, resplendor que a terra
Nunca sonhou, mirificas surpresas,
Tudo essa porta ao nosso olhar descerra ;

Scintillações phantasticas, bellezas
Incomparaveis, magicos fulgores ;
Cabeços de anjos, immortaes grandezas !

E, extactica, ao clarão dos esplendores
A alma anhelante e férvida murmura
As orações da fé — santos louvores !

São Pedro, um velho meigo, de figura
Bondosa e grave como a experiencia
Franqueia o accesso á perennal ventura ;

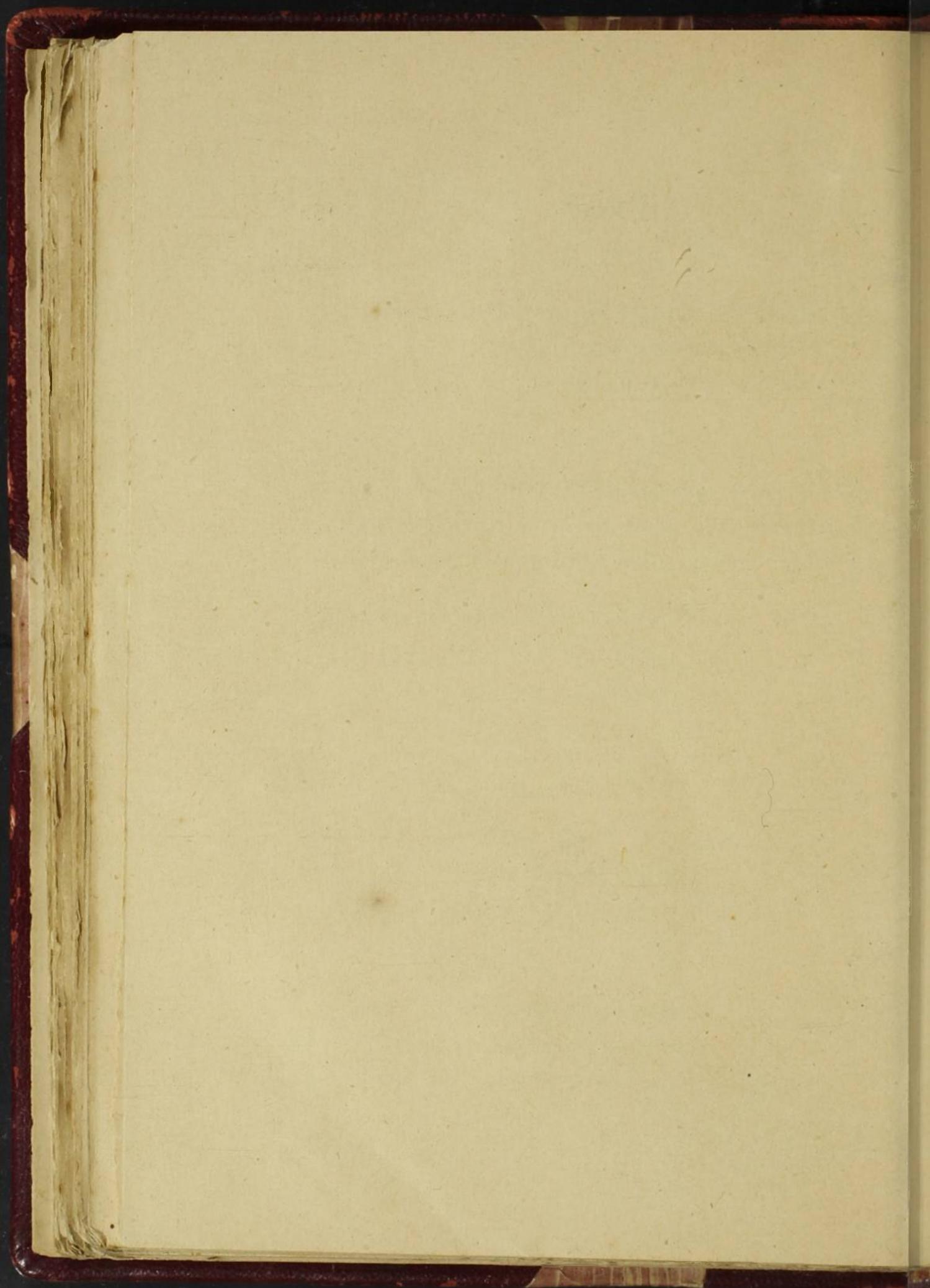
E a alma que entre as agruras da existencia
Immácula passou, guardando illesa
Do coração a fina transparencia,

Entra no céu, que as glórias vãs despreza,
E venturosa colhe a recompensa,
O galardão divino da pureza.



E tú, sinhô, benção de Deos suspensa
Em nossa vida, alma de luz e arminho,
Guarda comtigo o resplendor da crença —
— Que é o caminho do céu, meu doce anginho.





II.

 *caridade*

Que é caridade, titia ?
— E' a vóz do céu, meu amor ;
Do olhar da Virgem Maria
Seraphico resplendor.

E' um raio crystalisado
De sacratissima luz ;
Germen do bem transplantado
Das sementeiras da Cruz.

E' o suavissimo lampejo
— Véo de fulgido luar —
Que a luz do tépido beijo
Leva á tristeza do algar.

E' o orvalho santo que encerra
O niveo pollen do bem
E a flór da esmola na terra
Plantar solícito vem ;

E é dessas candidas flôres
De finos, cérulos tons,
Que ao som de alegres rumores
No céu coroam-se os bons.

Cultiva-as a caridade
Com doçura e abnegação . . .
— Nos jardins? — Da piedade ;
São flôres do coração.

Só de aspirar-lhes ao seio
O perfume virginal,
Sente-se a gente n'um meio
Saudavel, puro e vital.

Desabrochando virentes,
Sob o purissimo azul,
Em translúcidas correntes
Transformam negro paúl.

— Ah! se eu pudesse colhel-as,
Deliciar-me ao seu mél! . . .
— Guardam-nas loiras estrellas
Do céu no ethereo vergel.

— Quero-as tanto, tanto, tanto . . .
Como alcançal-as, tiaia?
— Por entre as noites do pranto
Levando o sól da alegria :

Possa, meu anjo, a desgraça
Infinda, o infindo soffrer
Do céu a intermina graça
No teu olhar entrever ;

Volve o teu rosto innocente
Abre as mãosinhas gentis
Ao pobresinho doente,
Ao pobresinho infeliz,

Que a dupla esmola um caminho
Nas almas abre. — Qual é ?
— O trilho, meu doce anjinho,
Rútilo e santo da fé.

Por esse trilho a virtude
Caminha limpida e sã
E espera a graça que mude
A noite em rosea manhã.

— E as flôres? — Ouve-me; a aurora
Que as almas enche de luz
A lagrima que as colora
E o seu aroma produz.

Nem sempre, amor, dessas plantas
Colhe-se o fructo ideal;
Quantas, sinhô, quantas, quantas
Não leva a enchente do mal?! . . .

— E essas, titia? — Em terreno
Ingrato, esteril, baldio,
Virgens de tenue sereno,
Virgens de limpido rio,

Mortas repousam? Mysterio . . .
Quem sabe, — vivo crysol —
Se um solo máu, delecterio
Depuram -- orphãs do sol?

Não penses, meu bem, n'aquellas
Perdidas sementes ; mas,
Outras semêa por ellas
Sem nunca olhar para trás.

Semêa que o céu povôas,
Semêa, a divina flôr,
Que as luminosas corôas
Terás, meu candido amor.

E na tua alma innocente,
Tu que és ingenuo e feliz,
Da milagrosa semente
Guarda a fecunda raiz.



IV.

O enjo da Guarda

 Sabes, titia ? Candura
† Levou-me á egreja cedinho
Para mostrar-me um anginho
De face candida e pura.

Estava tudo silente ;
A missa não começara
E a manhã serena e clara
Despertava alegremente.

Os finissimos bordados
Da branca toalha do altar
Vinhão tremulos beijar
Do sol uns raios dourados.

Pelas alturas do tecto
Um par de timidas aves
Tinha pipilos suaves
Traçando o vôo inquieto.

E do anginho o rosto lindo,
Num throno de ouro e de flôres,
Avistei-o, entre esplendores
Contemplava-me sorrindo;

Tem no olhar limpido e franco
O mesmo olhar de Jesus ;
Todo cercado de luz,
Todo vestido de branco.»

— Qual é, meu bem ? já me tarda
Saber-lhe o nome ; é bonito ?
Respondeu-me o pequenito :
— Chama-se o anjo da guarda.

— Sabes d'esse anginho a immensa,
Meu amor, a insana lida ?
Velar por nós toda a vida,
Fortalecer-nos a crença.

Cada um de nós conhece
O seu anjo guardador ;
Nol-o concede o Senhor
Quando ao mundo a gente desce ;

Dia e noite ao nosso lado
Toda a nossa alma soletra ;
Do seio nosso penetra
No arcano mais recatado.

Todo o bem, todo o consólo
Que espalhamos pelo mundo
Entorna em campo fecundo,
Semêa em prodigo solo.

Virente o germen floresce
Ao doce crvalho vital
E a florescencia triumphal
Augura próvida mésse.

— E os fructos já sazoados ?
— Colhe-os o anjo e ao celleiro
Do céu condul-os fagueiro,
A humanos olhos vedados.

— E depois ? — Por esses fructos
Ha de julgar-nos a vida
Quem nossas contas liquida,
Quem pesa os nossos tributos.

— E os anjos dos malfatores ?
— Pobresinhos ! . . . Dia a dia
Colhem prantos e agonia
Num sólo de espinho e dôres ;

Vagam, miseros ! — chorando
Pelo céu, eternamente,
A perniciosa semente
Em lagrimas depurando.

— Pobres anginhos ! Quem dera
Suavisar-lhes a existencia ? ! . . .
— Reza, que a vóz da innocencia
No céu milagres opera.

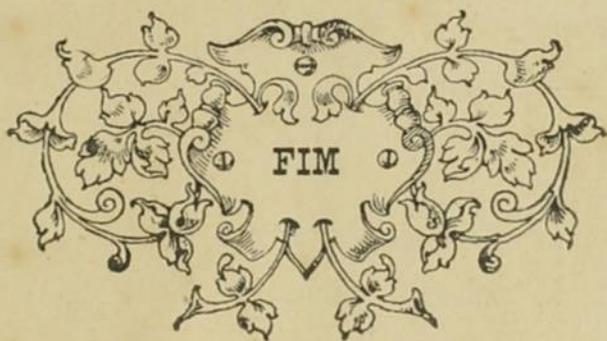
Escutou-me palpitante
Numa anciedade febril ;
Depois, alçando gentil
O commovido semblante :

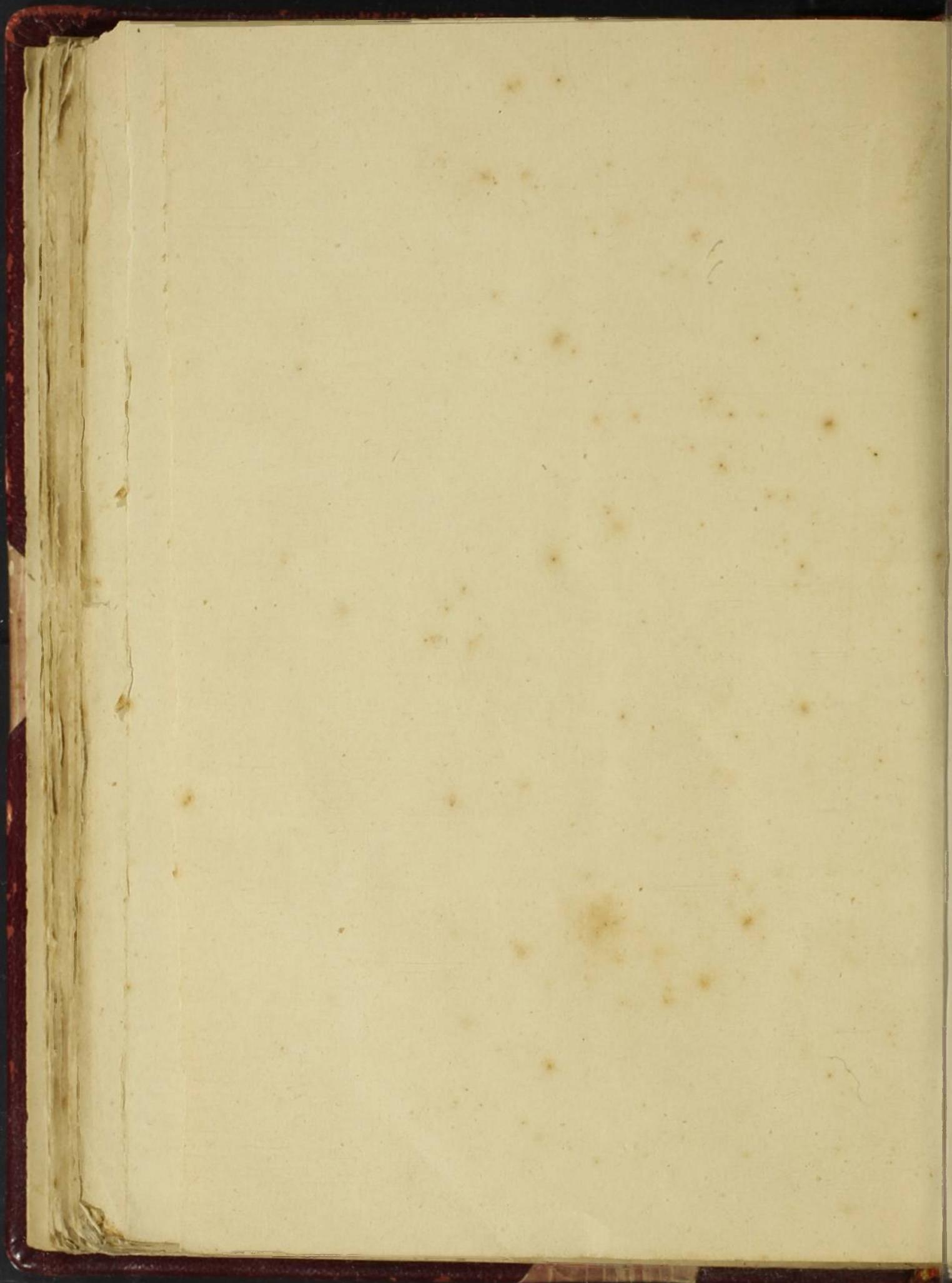
— E o meu anjo está contente ?
— A's vezes ; mas entristece
E chora e soffre e padece
Quando os teus erros presente.

— Como hei de vê-lo, titia ?
Vive de nós longe ou perto ?
— Adormecido ou desperto
O seu olhar te alumia.

— Mas onde mora ? Na flôr,
No céu, na terra o procuro . . .
— No olhar angelico e puro
De tua mãe, meu amor.







Índice

	Pag.
Carta de Ezequiel Freire	7

PARTE I

Dedicatória	11
A' minha musa	13
Immutavel	15
Ave mensageira	17
Goso pungente	19
Intimo	21
Resposta do coração	23
Saudade	25
Dizem	27
Escuta, coração	29
Amor	31
A um coração delicado	33
Aspirações	35
Confissão.	37
Dizem-me ! «Esquecc-o»	39
Olhando o ceu	41
Monologo de um coração	43
Ritornello intimo	45
Preterido	47
A uma alma doente	49
Dolorosa	51
Tanto se alarga	53
Conselhos	55
Tela intima	57
Reminiscencias	61

II

Confiante	63
Noite	65
Intima laz	67
Um coração	69

PARTE II

Pomba ferida	73
Croquis.	75
Crente	77
Voilà la mère	79
Alvorada	81
Diante de um berço	85
O presbyterio	87
Dizen-me : «A treva»	89
Hora nostalgica	91
Ruinas	93
Adormecida	95
A carta do filho	97
A uma menina	99
Ave-Maria	101
Creança morta.	103
Na roça	105
E' pequenino e lindo	107
A' sombra das arvores	109
Candura	113
O velho cão	115
Pae	117
Rustica	119
Ninho abandonado	121
Delineamento	123
Mensageiro d'alma	125
Irmã suavissima	127
Magnolia.	129
Invalido	131
Mãe.	133
Contemplo o céo	135

III

Mater admirabilis	137
O velho cemiterio	139
Suprema dôr	143
Campestre	145
Rezas	147

Historias a Sinhô

O caminho do ceu	149
Caridade	155
O ninho	161
O Anjo da guarda	165



ERRATUM

A' pagina 14, falta o seguinte verso alexandrino :

Dá-me o teu riso brando, angelical, sereno
que deve rimar com o que se segue :

Que neutralisa o mal de incognito veneno.

018342

